

ISSN 1413-9243

TEXTOS NEPO

37

CAMPINAS, OUTUBRO DE 2000

**OS IDOSOS NO BRASIL:
CONSIDERAÇÕES
DEMOGRÁFICAS**

**ELZA BERQUÓ
ROSANA BAENINGER**



Reitor

Prof. Dr. Hermano de Medeiros Ferreira Tavares

Vice Reitor

Prof. Dr. Fernando Galembeck

Pró Reitor de Desenvolvimento Universitário

Prof. Dr. Luís Carlos Guedes Pinto

Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

Prof. Dr. Roberto Teixeira Mendes

Pró Reitor de Graduação

Prof. Dr. Angelo Luiz Cortelazzo

Pró Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. Ivan Emílio Chambouleyron

Pró-Reitoria de Pós-Graduação

Prof. Dr., José Cláudio Geromel

Centro e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa

Profa. Dra. Ítala Maria Loffredo D'Ottaviano



Coordenador do Núcleo de Estudo de População

Prof. Dr. Daniel Joseph Hogan

FICHA CATALOGRÁFICA

Berquó, Elza; Baeninger, Rosana.

Os idosos no Brasil: considerações demográficas / Elza Berquó; Rosana Baeninger
Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2000.

69 p.

(Os idosos no Brasil: considerações demográficas, TEXTOS NEPO 36).

1. População Idosa - Brasil. 2. Crescimento - População Idosa. 3. Envelhecimento -
Família. I. Título. II. Série.

Índice para catálogo sistemático

1. População Idosa - 301.435

2. Crescimento População Idosa - 301.32

Publicações NEPO

Rosana Baeninger

E-mail: publica@nepo.unicamp.br

Apoio Técnico

Setor Administrativo: Maria Ivonete Zorzetto Teixeira

Setor de Documentação: Adriana Cristina Fernandes

Setor Informática: Raquel de Oliveira Santos Eichman Jakob

SÉRIE TEXTOS NEPO

TEXTOS NEPO é uma publicação seriada do Núcleo de Estudos de População da UNICAMP, tendo sido criada em 1985 com a finalidade de divulgar pesquisas realizadas no âmbito deste Núcleo de Estudos. Apresentando uma vocação de cadernos de pesquisa, nestes seus dezoito anos de vida foram publicados trinta e sete números – incluindo este – relatando trabalhos situados nas áreas temáticas correspondentes às linhas de pesquisa do NEPO.

Desde então, esta publicação vem sendo distribuída para instituições especializadas na área de Demografia, ou mesmo dedicadas a áreas afins, no País e no exterior, além de ser objeto de constante consulta no próprio Centro de Documentação do NEPO. Essa distribuição é ampla, abrangendo organismos governamentais ou não governamentais – acadêmicos, técnicos e/ou prestadores de serviços.

Daniel Joseph Hogan
Núcleo de Estudos de População
Coordenador

Rosana Baeninger
TEXTOS NEPO
Responsável

SUMÁRIO

Introdução	06
Evolução da População Idosa no País	10
Crescimento Regional da População Idosa	20
Algumas Características da População Idosa	27
O Envelhecimento e a Família	55
Resumindo	57
Referências	59
Anexos	61
Agradecimento	67

RESUMO

Sensíveis alterações na estrutura etária da população brasileira vêm ocorrendo nas últimas décadas em decorrência do declínio acentuado e sistemático da fecundidade. Os idosos, ou seja, o segmento com 65 anos e mais de idade, por exemplo, vem tendo seu peso relativo aumentado no total da população. Ao mesmo tempo, os brasileiros vêm assistindo ao aumento de sua longevidade. Caracterizar este segmento por sexo, raça, escolaridade, renda, tipo de inserção na família, mobilidade espacial e participação no mercado de trabalho, é fundamental a fim de mapear suas necessidades e orientar políticas sociais visando prevenir ou corrigir distorções por classe social, gênero, raça e geração. De fato, o processo de envelhecimento pode reforçar desigualdades frente à qualidade de vida e bem estar dos diversos segmentos populacionais, contribuindo para aumentar as chances de exclusão. Este texto destaca os aspectos demográficos do contingente populacional idoso no Brasil, acompanhando a evolução da população no decorrer dos últimos cinquenta anos, bem como suas características referentes a sexo, inserção no mercado de trabalho, migrações, educação, família, dentre outras.

ABSTRACT

The issue of the aged in the Country should deserve increasingly more interest of the public organisms, of the formulators of social policies and of society in general, due to the growing volume of this populational segment, its rate of growth and its demographic, economic and social characteristics. If, on the one hand, the longevity of the individuals derives from the success of gains in the social and health areas, aging, as a process, represents new demands for services, benefits and attention which constitute challenges for those in public offices and society as a whole, of the present and the future. The turn of the century should find Brazil with 8.5 million people 65 years old and over, survivors of cohorts born till 1935. This means that one in every twenty residents in the Country will be advanced in years. Twenty years later, the relation will be one to twelve. The aged population will have 82% of its group living in cities. The differential mortality in the rural areas and in cities and the migrations that occurred in the Country in the last decades, resulted in a concentration of the elderly in the urban areas, principally women, as a result of the masculine over mortality. This fact requires attention so that the cities be equiped to offer various orders of resources demanded by the aged. Over half of the aged, sixty percent, will be white. Having always been the poorer and less assisted in the Country, blacks survived less in the more advanced ages. Keeping racial discrimination from being present in society, also among the aged, should be part of the social agenda of this end of the century. Extremely high illiteracy among the aged, inherited from the past and larger among women, place them in high vulnerability. The surplus of aged women will continue to be prevalent and will be higher as age increases, requiring specific attention, They will be mostly widows, living in the homes of sons or daughters, or heading one parent homes, or still, living alone. The larger part of the aged men will live with the wife, which will give them the possibility of better emotional support, so necessary in this phase of life. With aged family or household heads being the poorer ones, mainly those held by women, there is no doubt that feminization of aging must be considered in the attention the aged will deserve. The scenario that awaits those who will enter into advanced years in the next century should count with social policies which give the aged conditions to enjoy a life with dignity. Above all, this situation should be marked by a horizon of solidarity between family members, generations, friends and people.

OS IDOSOS NO BRASIL: CONSIDERAÇÕES DEMOGRÁFICAS

Elza Berquó*
Rosana Baeninger**

INTRODUÇÃO

A evolução demográfica da população brasileira vem sendo marcada, nas cinco últimas décadas, por transições decorrentes de mudanças nos níveis de mortalidade e fecundidade, uma vez que as imigrações internacionais deixaram de ter influência a partir de 1940, sendo a saída de brasileiros para o exterior um fenômeno muito recente (Gráfico 1).

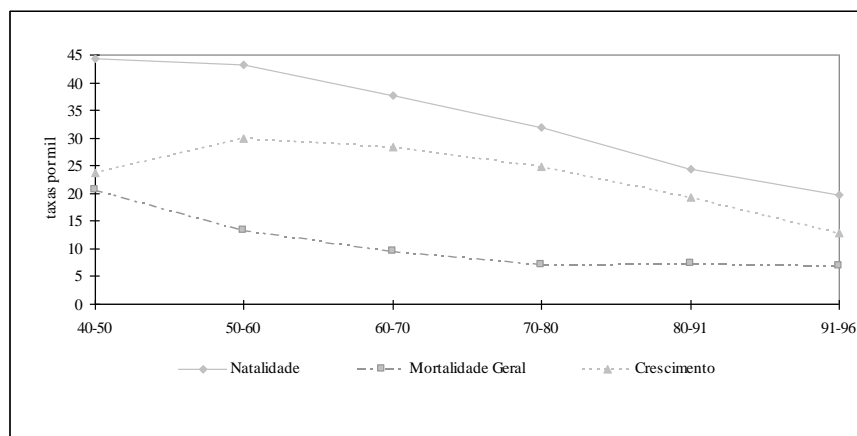
Entre 1940 e 1960 a população experimenta um aumento em seu ritmo de crescimento anual. De 2,3% ao ano na década de quarenta, seu crescimento passa para 3,0% no decênio seguinte. Esta transição se deveu exclusivamente a um declínio da mortalidade, traduzido por um ganho de dez anos na esperança de vida ao nascer (de 41,5 anos, em 1940, para 51,6 anos em 1960), uma vez que a taxa de fecundidade total manteve-se constante no período e igual a 6,2 filhos por mulher.

A partir de 1960 o ritmo anual do crescimento populacional começa a se desacelerar passando a 2,8% a.a. e 2,6% a.a. nos períodos de 1960-70 e 1970-80, respectivamente. Mas é entre 1980 e 1991 que mais declina este ritmo de crescimento, atingindo a taxa anual de 1,9% a.a. Responsável por esta redução no crescimento populacional foi a queda da fecundidade, uma vez que a mortalidade continuou declinando, registrando um ganho na esperança de vida ao nascer da ordem de 14 anos, entre 1960 e 1991.

* Presidente da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, CEBRAP e NEPO/UNICAMP.

** IFCH/NEPO-UNICAMP.

GRÁFICO 1 – Transição demográfica brasileira – 1940 a 1996

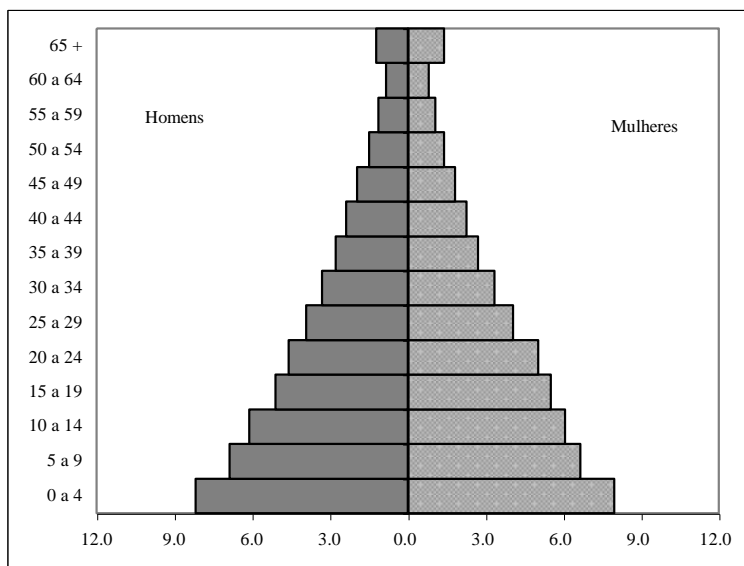


Fonte: IBGE (1994); Martine e Camargo (1984) e Anuário Estatístico do Brasil de 1995.

De fato, a fecundidade experimentou, no período, uma redução da ordem de 60%, ao atingir o valor de 2,5 filhos por mulher em 1991. Este descenso foi suave entre 1960 e 1970, ou seja, da ordem de 10% (fecundidade de 6,2 e 5,6, respectivamente); toma força, atingindo 20%, entre 1970 e 1980 (fecundidade de 4,5 em 1980), para se acelerar ainda mais, 45%, entre 1980-1991. Estas transições afetaram diretamente e de forma significativa a estrutura etária da população. O confronto das pirâmides etárias de 1950 e 1996 reafirmam de forma contundente esta influência (Gráficos 2 e 3).

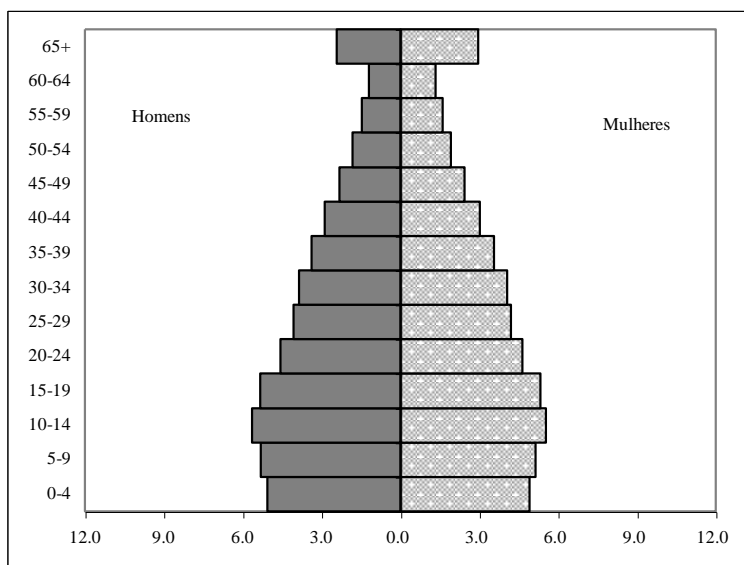
Passou-se de uma pirâmide de base larga e forma triangular - característica de regimes demográficos de altas taxas de fecundidade e de mortalidade - para uma forma mais arredondada de base reduzida - característica de regimes de grande redução na fecundidade.

GRÁFICO 2 – Estrutura etária do Brasil de 1950



Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1950.

GRÁFICO 3 – Estrutura etária do Brasil de 1996



Fonte: IBGE. Contagem Populacional de 1996.

Caracterizado como possuidor de uma população jovem, o Brasil apresentou até 1970 estrutura praticamente constante de jovens menores de 15 anos, de adultos de 15 a 64 anos e de idosos de 65 anos ou mais (Tabela 1). A partir de então, e fruto da queda da fecundidade, o grupo de jovens passa a representar, a partir de 1980, proporcionalmente bem menos no cômputo geral da população, abrindo, com isso, espaço para aumentar o peso relativo do grupo de 15 a 64 anos e dos idosos de 65 anos e mais.

TABELA 1 – Distribuição relativa e projeções da população por grandes grupos etários Brasil, 1940 a 2020

CENSOS	GRUPOS ETÁRIOS (%)		
	ATÉ 14 ANOS	15 A 64 ANOS	65 ANOS E MAIS
1940	42,6	55,0	2,4
1950	41,8	55,6	2,6
1960	42,7	54,6	2,7
1970	42,6	54,3	3,1
1980	38,2	57,8	4,0
1991	35,0	60,2	4,8
1996	31,6	63,0	5,4
<i>Projeções</i>			
2010	25,9	67,9	5,3
2020	23,4	68,3	8,3

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996. IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

De fato, em 1940 a população com até 14 anos de idade representava 42,6% do total nacional, enquanto ao contingente com mais de 65 anos correspondia apenas 2,4% da população. A partir de 1980, tornou-se nítido o decréscimo relativo do grupo etário até 14 anos: 38,2%, baixando para 35,0% em 1991 e alcançando 31,6% em 1996. Em contrapartida, o grupo adulto (15-64 anos) chegou a responder por 63% da população brasileira em 1996 e grupo idoso 5,4%. As projeções populacionais apontam que em 2020 os idosos representarão 8,3% da população nacional.

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA NO PAÍS

Um indicador básico de que os indivíduos de uma população estão envelhecendo é o simples crescimento do número absoluto de pessoas mais velhas. Pela Tabela 2 pode-se perceber como vem aumentando no país a população de 65 anos e mais. Em 1991 ela atingiu mais de 7 milhões de pessoas, o que representou um ganho médio anual líquido da ordem de 210.492 pessoas. Este superou o da década anterior, que correspondeu a uma média de 184.096 pessoas por ano. Em 1996, os idosos alcançaram 8.406.397 milhões de pessoas, correspondendo a um incremento de 264.110 pessoas por ano, no período 1991-1996.

**TABELA 2 – Volume e projeções da população total e de 65 anos e mais por sexo
Brasil, 1940 a 2020**

ANOS	POPULAÇÃO TOTAL			POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS			PROPORÇÃO DE PESSOAS DE 65 ANOS E MAIS		
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1940	20.568.449	20.564.435	41.132.884	445.289	534.550	979.839	2,2	2,6	2,4
1950	25.831.124	25.996.641	51.827.765	624.036	723.999	1.348.035	2,4	2,8	2,6
1960	35.000.610	34.957.255	69.957.865	926.474	988.531	1.915.005	2,7	2,8	2,7
1970	45.670.854	46.506.256	92.177.110	1.385.869	1.543.607	2.929.476	3,0	3,3	3,2
1980	59.058.186	59.816.479	118.874.665	2.225.606	2.544.826	4.770.432	3,8	4,3	4,0
1991	72.485.122	74.340.353	146.825.475	3.215.824	3.870.023	7.085.847	4,4	5,2	4,8
1996	77.246.565	79.421.871	156.668.436	3.776.752	4.629.645	8.406.397	4,9	5,8	5,4
<i>Projeções</i>									
2010	92.076.358	96.606.786	188.683.144	4.965.071	6.878.070	11.843.141	5,4	7,1	6,3
2020	100.822.110	106.650.960	207.473.070	7.092.768	10.101.737	17.194.505	7,0	9,5	8,3

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

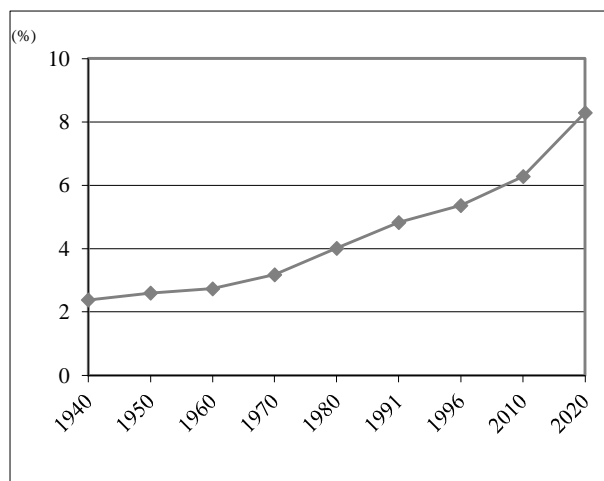
IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

Em 1940, o País contava com 445.289 idosos do sexo masculino, volume que saltou para 3.776.752 em 1996. Já o volume de mulheres idosas vem sendo mais elevado: 534.550, em 1940, alcançando 4.629.645, em 1996. Assim, do total da população feminina no Brasil, em 1996, 5,8% possuíam mais de 65 anos de idade, sendo que dentre os homens essa proporção era de 4,9%. De acordo com as projeções de população para 2020, o contingente feminino idoso representará 9,5% do

total de mulheres, ao passo que para os homens essa participação será de 7%.

Analisando do ângulo do que representa o número de idosos no total da população, verifica-se que ele vem crescendo ao longo do tempo, passando de 2,4% em 1940 a 4,8% em 1991 e atingindo 5,4%, em 1996 (Gráfico 4).

GRÁFICO 4 – Proporção de pessoas de 65 anos e mais no total da população Brasil, 1940 a 1996 e Projeções 2010 a 2020



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996. IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

O crescimento da população idosa torna-se cada vez mais relevante porque ele já supera aquele da população total. Com efeito, isto já ocorria em 1940 e se manteve nos últimos cinquenta anos (Tabela 3). Enquanto o crescimento médio anual no período 1940-50 era de 2,3% a.a., aquele da população idosa era 3,2% a.a. A partir de 1960 a população total, como já vimos, teve seu crescimento desacelerado, o que só ocorreu em 1991 com a população de 65 anos e mais. Mesmo assim, no período de 1980 a 1991 e 1991-1996, o crescimento da população total brasileira foi bem inferior ao do contingente populacional com mais de 65 anos de idade: 1,9% a.a. e 3,7% a.a., respectivamente, nos anos 80, e 1,3% a.a. e 3,5% a.a., entre 1991-1996.

TABELA 3 – Taxas anuais de crescimento da população total e de 65 anos e mais, por sexo
Brasil, 1940 a 1996 e Projeções, 2000 a 2020

PERÍODOS	Taxas de Crescimento (% a.a.)					
	POPULAÇÃO TOTAL			POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS		
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1940/1950	2,3	2,4	2,3	3,4	3,1	3,2
1950/1960	3,1	3,0	3,0	4,0	3,2	3,6
1960/1970	2,7	2,9	2,8	4,1	4,6	4,3
1970/1980	2,6	2,5	2,6	4,9	5,1	5,0
1980/1991	1,9	2,0	1,9	3,4	3,9	3,7
1991/1996	1,3	1,3	1,3	3,3	3,6	3,5
<i>Projeções</i>						
2000/2010	1,2	1,3	1,2	3,2	3,7	3,5
2010/2020	0,9	1,0	1,0	3,6	3,9	3,8

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

Projeções feitas até 2000 apontam para uma redução no ritmo de crescimento deste segmento populacional até 2010, voltando a crescer entre 2010 e 2020, para alcançar taxa de 3,8% ao ano. Isto estará ocorrendo enquanto a população total continuará experimentando descenso em seu ritmo de crescimento, chegando a uma taxa de 1% entre 2010 e 2020.

Para compreender o comportamento destas taxas é preciso não perder de vista que elas se referem a estruturas etárias de populações nascidas a partir de meados do século passado e, portanto, de coortes sujeitas a processos demográficos, sociais e econômicos distintos.

A entrada de migrantes europeus entre 1871 e 1900 pode ter contribuído para o aumento das taxas de crescimento da população de 65 anos e mais até 1980, uma vez que se refere a sobreviventes de coortes nascidas entre 1875 e 1915.

De fato, a participação da migração internacional no crescimento da população total do país foi da ordem de 11% entre 1871 e 1890, e de 25% entre 1891 e 1900. Referidas a curvas de sobrevivência distintas, estas populações europeias podem ter contribuído para aumentar o crescimento da população de idosos no Brasil.

A febre espanhola de 1918, por outro lado, pode ter sido responsável pelo declínio no ritmo de crescimento da população idosa entre 1980 e 1991 e anos seguintes (pois esta refere-se a sobreviventes de coortes nascidas entre 1915 e 1925). A retomada do ritmo de crescimento projetado para 2020 pode refletir o efeito dos antibióticos sobre as coortes nascidas por volta de 1950.

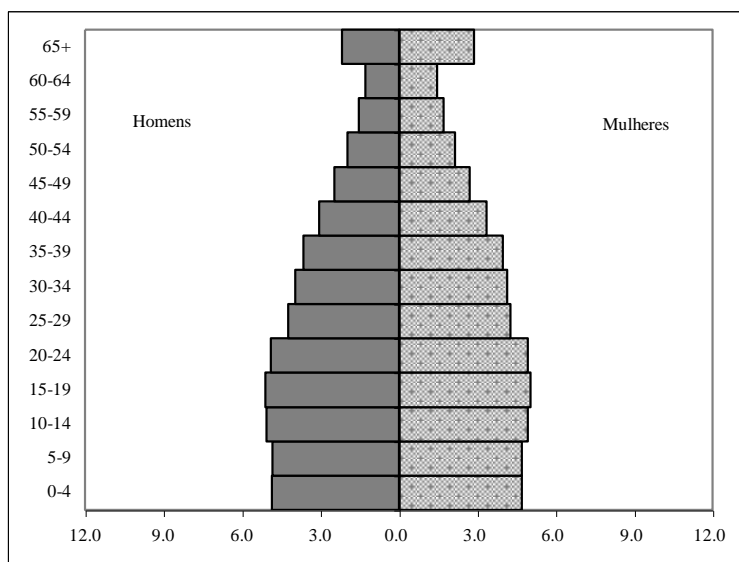
Em 1996, 1 em cada 20 brasileiros já registrava 65 anos e mais, e em termos de futuro, espera-se chegar em 2010 com 11 milhões de pessoas com mais de 65 anos. Este número crescerá para 17.194.000 em 2020, quando 1 em cada 12 brasileiros, pertencerá à população idosa.

O impacto deste contingente no total populacional pode ser apreciado também no topo das pirâmides (Gráficos 5 e 6) projetadas para 2000 e 2020.

O crescimento da população idosa afeta diretamente a razão de dependência, ainda quando se leva em conta que quase um quinto do contingente de idosos participe da atividade econômica do país. Para Clark e Anker (1989) as taxas de participação de idosos na força de trabalho declinam com o desenvolvimento, oferecendo às pessoas mais velhas aposentadorias adequadas que lhes permitam desfrutar de uma velhice tranquila.

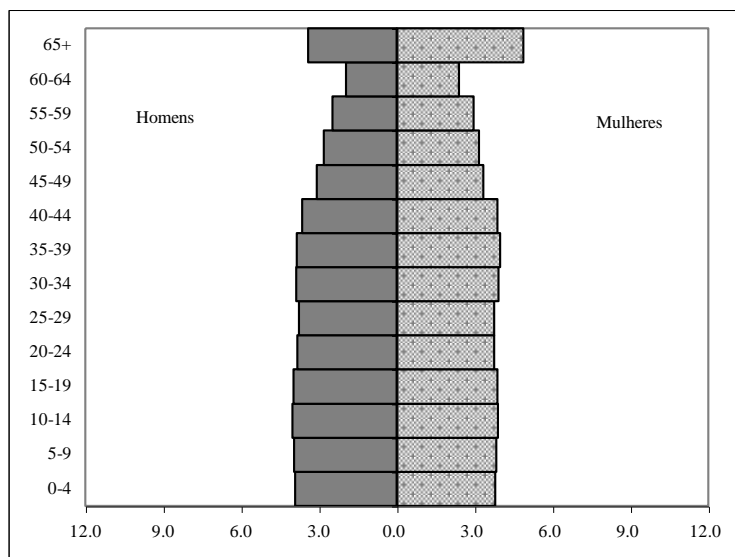
Os dados da Tabela 4 mostram que de 5 em 1960, passou a 8, em 1991, o número de pessoas na idade de aposentadoria beneficiando-se hipoteticamente da contribuição de 100 pessoas na idade de trabalhar. Esta mesma razão projetada começa a ascender e, no ano 2020, terá experimentado um crescimento da ordem de 140 por cento, ou seja, cada 100 pessoas em idade de trabalhar teriam, teoricamente, de se responsabilizar por 12 nas idades mais avançadas.

GRÁFICO 5 – Estrutura etária projetada – Brasil, 2000



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

GRÁFICO 6 – Estrutura etária projetada – Brasil, 2020



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

TABELA 4 – Razão de dependência da população brasileira e projeções - 1940 a 2020

ANOS	RAZÃO DE DEPENDÊNCIA			
	R ₁	R ₂	R ₃	R ₄
1940	81,8	4,4	77,5	5,6
1950	80,0	4,7	75,2	6,2
1960	83,1	4,9	78,2	6,4
1970	84,2	5,7	78,5	7,5
1980	74,8	7,1	67,7	10,5
1991	66,1	8,0	58,1	13,9
1996	58,7	8,5	51,9	15,0
2000	51,9	7,7	44,2	17,4
2010	47,3	9,2	38,1	24,3
2020	46,5	12,1	34,3	35,4

Fonte: IBGE. Censos Demográfico de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

Obs.: (*) Ano Base 1991

R₁ – POP (0-14) + (65 e +) / POP (15-64)

R₂ – POP (65 e +) / POP (15-64)

R₃ – POP (0-14) / POP (15-64)

R₄ – POP (65 e +) / POP (0-14)

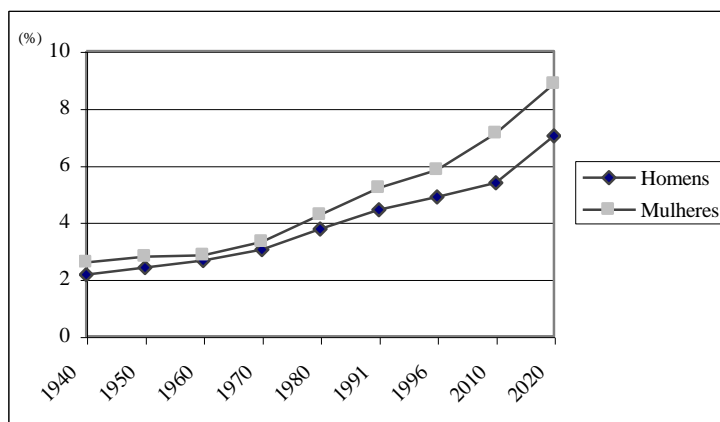
Por outro lado, olhando a razão de dependência dos jovens de menos de 15 anos, observa-se sua tendência decrescente passando de 78,2%, em 1960, para 58,1%, em 1991. Este declínio, fruto da queda da fecundidade, permite projetar para 2020 que para cada 100 pessoas em idade de trabalhar haverá 34 menores de 15 anos para sustentar.

Até o primeiro quartel do próximo século, o país terá uma razão de dependência declinante por força do descenso da fecundidade, o que lhe dá condições mais favoráveis no sentido das políticas públicas. Isto requer, entretanto, um esforço sistemático para levar em consideração as demandas crescentes das coortes em processo de envelhecimento.

Em 1988 já chamávamos a atenção (BERQUÓ, 1988) para a feminização do envelhecimento e suas consequências para as políticas sociais, em especial, as de saúde.

De há muito tem sido superior no país, o número absoluto de mulheres idosas, quando confrontado com o de homens de 65 anos e mais. Também a proporção de idosas em relação à população total de mulheres tem se mantido sistematicamente superior àquela correspondente aos homens idosos (Gráfico 7).

GRÁFICO 7 – Proporção de pessoas de 65 anos e mais segundo sexo Brasil, 1940 a 1996 e Projeções, 2010 a 2020



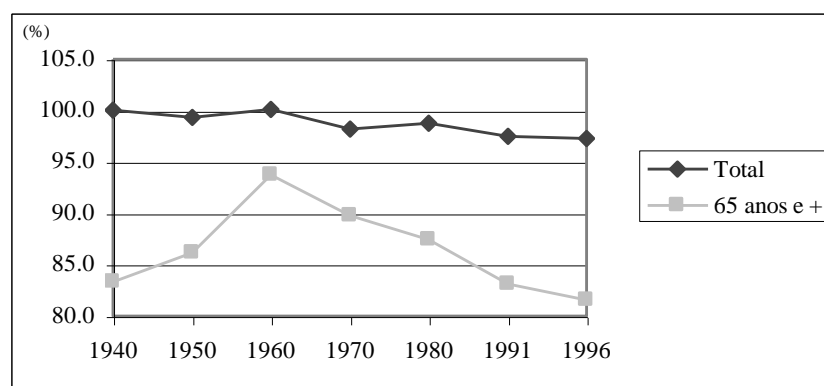
Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996. IBGE/DPE/Departamento de População e Indicadores Sociais. Projeto UNFPA/Brasil: BRA/94/P08.

A razão de sexos para a população idosa, que era de 83 em 1940, chega a 94 em 1960 e, a partir daí, declina até voltar ao valor correspondente a 1940, isto é, para cada 100 mulheres de 65 anos e mais há apenas 83 homens na mesma faixa etária (Gráfico 8).

Importante ressaltar que este déficit de homens idosos se acentua ainda mais para as idades mais avançadas. Com efeito, em 1970, 1980, 1991 e 1996 as razões de sexo para o segmento populacional de 70 anos e mais foram, respectivamente, iguais a 85, 83, 79 e 79.

Este diferencial por sexo entre os idosos, e que se acentua nos últimos anos, é explicado pela diferença nos ritmos de crescimento das populações idosas feminina e masculina. A primeira vem crescendo a um ritmo maior do que a segunda, como se pode observar nos Gráficos 9 e 10.

GRÁFICO 8 – Razão de sexos da população total e de 65 anos e mais Brasil, 1940 a 1996



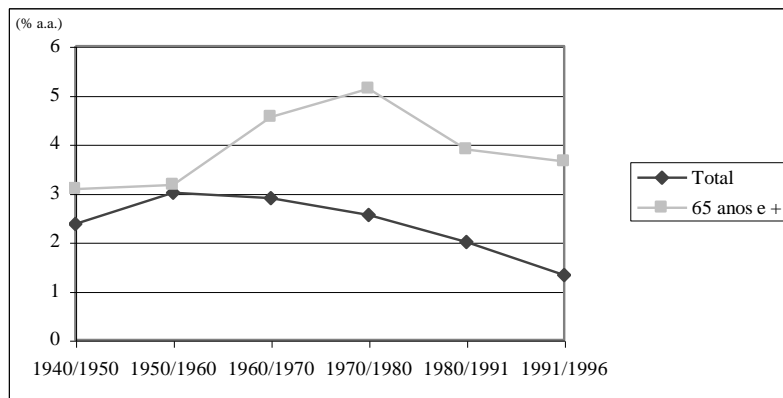
Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

Este fato, por sua vez, é decorrente de uma situação de mortalidade diferencial por sexo que prevalece há muito na população brasileira. Desde 1950 às mulheres tem correspondido maior esperança de vida ao nascer, ou seja, lhes tem cabido um maior número de anos por viver. Em 1980 enquanto era de 59 anos a esperança de vida para os homens, às mulheres correspondia 65 anos, ou seja, chance de viver 6 anos a mais do que os homens. Em 1991 esta diferença cresceu para 7 anos. Projeções para 2010 e 2020 mantêm uma diferença em torno de 6 anos.

Corroboram esta mortalidade diferencial as taxas de mortalidade por sexo apresentadas na Tabela 5. Embora as taxas de mortalidade das populações masculinas e femininas venham declinando

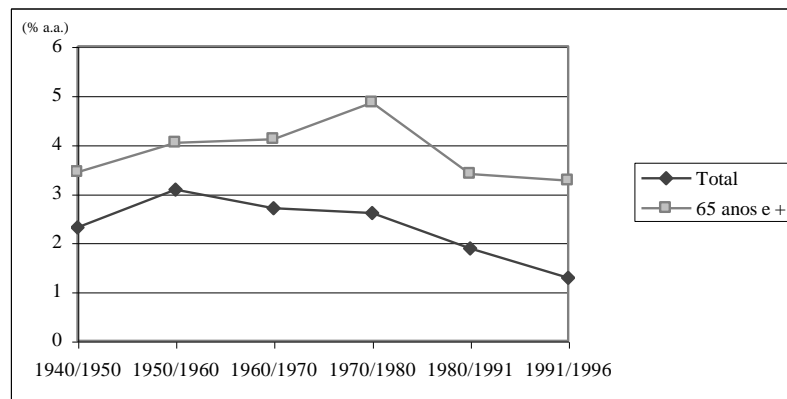
no tempo, o diferencial favorável às mulheres se verifica tanto na população total quanto na população de idosos.

GRÁFICO 9 – Taxas de crescimento da população feminina total e de 65 anos e mais Brasil, 1940 a 1996



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

GRÁFICO 10 – Taxas de crescimento da população masculina total e de 65 anos e mais Brasil, 1940 a 1996



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

TABELA 5 – Taxas de mortalidade (por mil habitantes), população total e de 65 anos e mais, por sexo Brasil, 1980, 1991 e 1995

SEXO	TAXAS DE MORTALIDADE (POR MIL HABITANTES)					
	1980		1991		1995	
	65 ANOS E +	TOTAL	65 ANOS E +	TOTAL	65 ANOS E +	TOTAL
Homens	56,4	7,2	54,1	6,5	51,7	6,9
Mulheres	46,3	5,3	42,4	4,4	39,9	4,7
Total	51,0	6,3	47,7	5,4	45,1	5,8

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1980 e 1991.
SIM - DATASUS/MS/FNS – (1979 – 1996) – jul/97.

Buscando as principais causas de morte de mulheres e de homens, de 65 anos ou mais, verifica-se que, em 1995, 91% das mortes femininas se enquadram em cinco grandes capítulos da Classificação Internacional de Doenças CID-9 (Tabela 6). Mais importantes são as doenças do aparelho circulatório que mantiveram-se em primeiro lugar ao longo das duas últimas décadas, embora proporcionalmente comecem a declinar, ou seja, de 61,9% em 1980 passaram a 50,9%, em 1995. Os neoplasmas e as doenças do aparelho respiratório vêm em segundo lugar, respondendo atualmente por 14,0% das mortes de idosos.

TABELA 6 – Mortalidade proporcional das mulheres de 65 anos e mais por Grandes Capítulos (CID-9) Brasil – 1980,1985,1991 e 1995

GRANDES CAPÍTULOS	1980	1985	1991	1995
VII - Doenças do Aparelho Circulatório	61,9	58,5	54,4	50,9
II – Neoplasmas	12,5	12,4	13,8	14,0
VIII - Doenças do Aparelho Respiratório	8,7	10,9	11,8	14,0
III - Doenças das Glândulas Endócrinas (**)	5,1	6,0	6,9	7,5
IX - Doenças do Aparelho Digestivo	3,7	4,0	4,3	4,3
Outras	8,0	8,2	8,8	9,2
TOTAL (*)	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SIM – DATASUS/MS/FNS - (1979 - 1996) - jul/97.

Nota: (*) excluindo os sinais, sintomas e afecções mal definidas.

(**) e também da Nutrição e do Metabolismo e Transtornos Imunitários

Até 1991 os neoplasmas vinham à frente das doenças do aparelho respiratório, situação que se alterou devido ao aumento relativo bastante acentuado que tiveram estas últimas ente 1980 e 1995. Também crescente é a participação no obituário feminino das doenças que compõem o capítulo III da CID-9, isto é, das glândulas endócrinas e também da nutrição e do metabolismo e transtornos

imunitários, que passaram de 5,1% a 7,5% no período analisado.

Os homens na faixa dos 65 anos ou mais velhos também morrem mais devido a doenças do aparelho circulatório; estas representaram, em 1995, 46,3% do total de óbitos deste grupo etário, presença está pouco menor do que entre os óbitos femininos (Tabela 7). Seguem-se também os neoplasmas (17,0%) e as doenças do aparelho respiratório (16,2%), presença um pouco maior do que no obituário feminino. Os neoplasmas ocuparam sempre o segundo lugar, seguidos das doenças do aparelho respiratório, e estas, à semelhança do que ocorreu com as mulheres, com participação crescente ao longo dos anos.

TABELA 7 – Mortalidade proporcional dos homens de 65 anos e mais por Grandes Capítulos (CID-9) Brasil – 1980,1985,1991 e 1995

GRANDES CAPÍTULOS	1980	1985	1991	1995
VII – Doenças do Aparelho Circulatório	56,4	53,7	49,4	46,3
II – Neoplasmas	15,2	15,2	16,7	17,0
VIII – Doenças do Aparelho Respiratório	10,3	12,4	13,9	16,2
IX – Doenças do Aparelho Digestivo	4,3	4,5	4,8	4,7
Causas Externas	3,8	3,8	3,9	3,8
III – Doenças das Glândulas Endócrinas (**)	3,2	3,6	4,2	4,6
Outras	6,8	6,8	7,1	7,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SIM – DATASUS/MS/FNS - (1979 - 1996) - jul/97.

Nota: (*) excluindo os sinais, sintomas e afecções mal definidas.

(**) e também da Nutrição e do Metabolismo e Transtornos Imunitários

As causas externas – acidentes, homicídios, suicídios – representaram quase 4% do total de mortes masculinas.

Finalmente, vale notar, que as doenças do grande capítulo III vêm tendo seu peso relativo aumentado no conjunto dos óbitos femininos e masculinos quando se passa de 1980 a 1995. A AIDS, que faz parte deste grande capítulo, foi, em 1995, responsável por 158 e 60 mortes masculina e feminina, respectivamente, nesta faixa etária, representando 2,2% e 0,5% do total de óbitos do capítulo. Em 1980, correspondiam a 0% para ambos os sexos, e em 1991, a 1,2% e 0,4% para homens e mulheres, respectivamente. Este resultado mostra um crescimento de quase 100% entre os homens idosos.

CRESCIMENTO REGIONAL DA POPULAÇÃO IDOSA

Considerando a população idosa desagregada regionalmente pode-se observar, para todas as grandes regiões do país, um ritmo mais acelerado de crescimento nesse contingente populacional em comparação com a população total (Tabela 8).

O caso da Região Norte é bastante ilustrativo, já que esta área foi a que registrou as maiores taxas de crescimento da população; enquanto a taxa de crescimento da população total havia sido de 5,0% a.a., no período 1980-1991, a da população idosa (65 anos e mais) dessa região chegava a 5,8% a.a. Para o Norte é fundamental que se considere a participação da migração no crescimento tanto da população total quanto para o grupo acima de 60 anos. De fato, um dos efeitos diretos da migração sobre o grupo idoso da Região Norte pode ser observado quando se compara a taxa de crescimento segundo sexo: esta região foi a única que registrou taxas de crescimento da população idosa masculina superior à da feminina.

Na faixa de 60 a 64 anos, a taxa de crescimento da população masculina era de 6,4% a.a. e a feminina de 6,3% a.a.; no grupo de 65 anos e mais esta diferença se acentua, crescendo a população masculina a 6,1% e a feminina a 5,4% a.a., indicando a seletividade migratória por sexo que havia nesta região quando da expansão da fronteira agrícola no país. Já entre o período 1991-1996, o ritmo de crescimento da população total (2,3% a.a.) e idosa (4,4% a.a.) nortista diminuem, mas o crescimento da população de 65 anos e mais na região continua sendo um dos mais elevados, atrás somente do Centro-Oeste.

A Região Centro-Oeste foi a que apresentou, depois do Norte, taxas de crescimento mais elevadas. Marcada também pela fronteira agrícola, esta área absorveu enormes contingentes migratórios durante os anos 70 e 80, refletindo-se nas altas taxas de crescimento da população idosa, superiores a 4,0% a.a., chegando a 5,0% a.a. o crescimento da população de 65 anos e mais no período 91-96.

Nas regiões Sudeste e Sul, que iniciaram suas transições demográficas anteriormente às demais regiões brasileiras (MERRICK; BERQUÓ, 1983), as taxas de crescimento da população acima de 60 anos chegaram, no período 80-91 a ser mais que o dobro da verificada para a população total; no Sul, enquanto a taxa da população de mais de 65 anos era de 3,8% a.a., a da população total era de

1,4% a.a., nos anos 80, e de 3,8% a.a. e 1,2% a.a., entre 1991-96, respectivamente.

No caso do Nordeste, apesar da população total ter registrado taxas de crescimento superiores às do Sul e Sudeste, entre 1980-91, o ritmo de crescimento de sua população idosa (65 anos e mais) foi o mais baixo do país tanto nos anos 80 quanto entre 1991-96, indicando ainda os efeitos de uma transição demográfica tardia; de qualquer forma a taxa de crescimento da população idosa esteve acima de 3,0% a.a., no período 1980-91, e em torno de 2% a.a., nos primeiros cinco anos dos 90.

Quanto à distribuição por sexo da população idosa, em 1991, a população feminina respondia por 52,8% do total da população de 60 a 64 anos e por 54,6% do grupo de 65 anos e mais (Tabela 9). Na Região Sudeste esta proporção chegava a 56,4% na população de 65 anos e mais; no Sul, 55,4% e; no Nordeste, 52,9%. Para as regiões de fronteira agrícola (Norte e Centro-Oeste), a população masculina de 60 a 64 anos era mais da metade do total, sendo que na população de 65 anos e mais nota-se um equilíbrio entre o contingente de homens e mulheres; nessas áreas, diferente do que ocorre nas demais regiões do país, a razão de sexo é equilibrada reforçando o papel da migração masculina.

Em 1996, a população feminina de mais de 65 anos aumenta sua participação relativa para mais de 55%. As regiões Sudeste, Sul e Nordeste acompanham essa média nacional; já nas regiões Norte e Centro-Oeste o processo migratório contribuiu para afluxo significativo de homens; chegando as mulheres idosas a representar a metade do total de idosos.

TABELA 8 – População idosa, população total e taxas de crescimento (*) Grandes Regiões - Brasil 1980, 1991 e 1996

GRANDES REGIÕES (**)	60 A 64 ANOS			65 ANOS E MAIS			POPULAÇÃO TOTAL		
	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
Norte									
1980	82.343	42.886	39.457	163.017	78.797	84.220	5.873.867	2.986.298	2.887.569
1991	162.300	85.006	77.294	301.657	150.823	150.834	10.030.556	5.097.408	4.933.148
1996	193.219	100.326	92.893	374.431	188.971	185.460	11.240.953	5.701.922	5.539.031
1980/1991	6,4	6,4	6,3	5,8	6,1	5,4	5,0	5,0	5,0
1991/1996	3,6	3,4	3,8	4,4	4,6	4,2	2,3	2,3	2,3
Nordeste									
1980	680.813	333.671	347.142	1.512.946	726.395	786.551	34.753.020	17.007.052	17.745.968
1991	936.987	435.607	501.380	2.150.599	1.012.875	1.137.724	42.497.540	20.783.292	21.714.248
1996	1.030.278	476.631	553.647	2.456.441	1.139.154	1.317.287	44.635.576	21.845.307	22.790.269
1980/1991	3,0	2,5	3,4	3,3	3,1	3,4	1,9	1,8	1,9
1991/1996	1,9	1,8	2,0	2,7	2,4	3,0	1,0	1,0	1,0
Sudeste									
1980	1.162.543	552.032	610.511	2.157.053	966.388	1.190.665	51.685.914	25.699.551	25.986.363
1991	1.758.047	816.999	941.048	3.226.011	1.406.761	1.819.250	62.740.401	30.892.531	31.847.870
1996	1.888.976	877.391	1.011.585	3.860.592	1.669.037	2.191.555	66.830.375	32.821.749	34.008.626
1980/1991	3,8	3,6	4,0	3,7	3,5	3,9	1,8	1,7	1,9
1991/1996	1,5	1,4	1,5	3,7	3,5	3,8	1,7	1,2	1,3
Sul									
1980	404.440	197.974	206.466	729.674	342.176	387.498	19.014.631	9.523.289	9.491.342
1991	599.785	285.529	314.256	1.099.746	490.659	609.087	22.129.377	10.979.573	11.149.804
1996	658.831	313.120	345.711	1.322.120	583.658	738.462	23.481.674	11.633.534	11.848.140
1980/1991	3,7	3,4	3,9	3,8	3,3	4,2	1,4	1,3	1,5
1991/1996	1,9	1,9	1,9	3,8	3,5	3,9	1,2	1,2	1,2
Centro-Oeste									
1980	115.435	61.292	54.143	197.723	101.837	95.886	7.535.965	3.831.313	3.704.652
1991	179.739	92.460	87.279	307.834	154.706	153.128	9.427.601	4.732.318	4.695.283
1996	221.635	112.311	109.324	392.820	195.936	196.884	10.479.865	5.244.057	5.235.808
1980/1991	4,1	3,8	4,4	4,1	3,9	4,4	2,1	1,9	2,2
1991/1996	4,3	4,0	4,6	5,0	4,8	5,2	2,1	2,1	2,2
Brasil									
1980	2.445.574	1.187.855	1.257.719	4.760.413	2.215.593	2.544.820	118.863.397	59.047.503	59.815.894
1991	3.636.858	1.715.601	1.921.257	7.085.847	3.215.824	3.870.023	146.825.475	72.485.122	74.340.353
1996	3.992.939	1.879.779	2.113.160	8.406.404	3.776.756	4.629.648	156.668.443	77.246.569	79.421.874

1980/1991	3,7	3,4	3,9	3,7	3,4	3,9	1,9	1,9	2,0
1991/1996	1,9	1,8	1,9	3,5	3,3	3,7	1,3	1,3	1,3

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1980 e 1991.

(*) Essas informações são provenientes dos resultados do universo do Censo Demográfico de 1991.

(**) Considera-se a atual divisão político-administrativa do País em 1980 e em 1991.

TABELA 9 –
Distribuição da População Idosa por Sexo
Grandes Regiões, 1991 e 1996

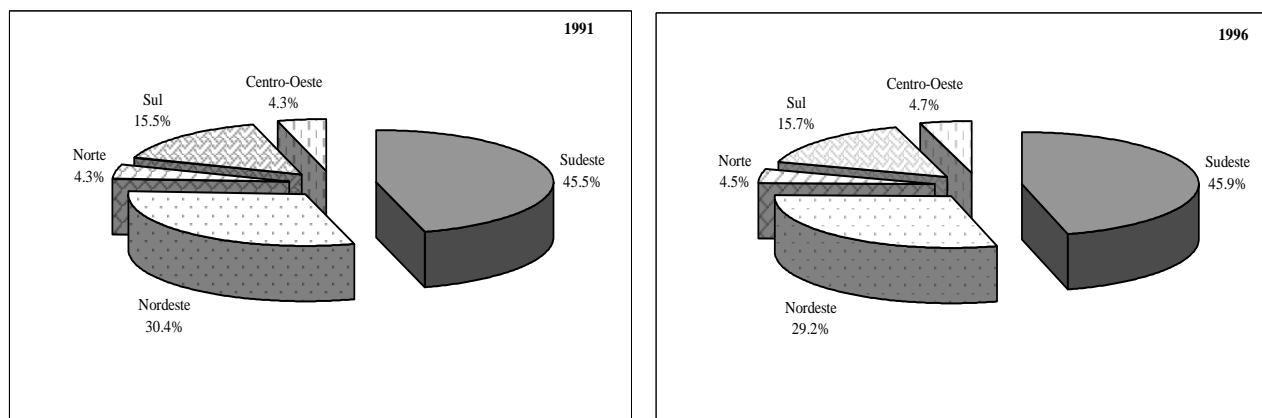
GRANDES REGIÕES	GRUPOS DE IDADE					
	1991			1996		
	60 a 64	65 e +	População Total	60 a 64	65 e +	População Total
Brasil						
% da População por Sexo						
Homens	47,2	45,4	49,4	47,1	44,9	49,3
Mulheres	52,8	54,6	50,6	52,9	55,1	50,7
Razão de Sexos	0,9	0,8	1,0	0,9	0,8	1,0
Norte						
% da População por Sexo						
Homens	52,4	50,0	50,8	51,9	50,5	50,7
Mulheres	47,6	50,0	49,2	48,1	49,5	49,3
Razão de Sexos	1,1	1,0	1,0	1,1	1,0	1,0
Nordeste						
% da População por Sexo						
Homens	46,5	47,1	48,9	46,3	46,4	48,9
Mulheres	53,5	52,9	51,1	53,7	53,6	51,1
Razão de Sexos	0,9	0,9	1,0	0,9	0,9	1,0
Sudeste						
% da População por Sexo						
Homens	46,5	43,6	49,2	46,4	43,2	49,1
Mulheres	53,5	56,4	50,8	53,6	56,8	50,9
Razão de Sexos	0,9	0,8	1,0	0,9	0,8	1,0
Sul						
% da População por Sexo						
Homens	47,6	44,6	49,6	47,5	44,1	49,5
Mulheres	52,4	55,4	50,4	52,5	55,9	50,5
Razão de Sexos	0,9	0,8	1,0	0,9	0,8	1,0
Centro-Oeste						
% da População por Sexo						
Homens	51,4	50,3	50,2	50,7	49,9	50,0
Mulheres	48,6	49,7	49,8	49,3	50,1	50,0
Razão de Sexos	1,1	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997 e Contagem Populacional de 1996.

A distribuição dos idosos no país, em 1996, indica que 46%, ou seja, quase 4 milhões de idosos, estavam na Região Sudeste, refletindo a maior concentração da população nacional nessa área; 29% (2,5 milhões) no Nordeste; 16% (1,3 milhões) no Sul; e em torno de 4,5% (quase 400 mil idosos) em cada uma das regiões Norte e Centro-Oeste (Gráfico 11).

Apesar das diferenças regionais no ritmo de crescimento da população idosa, o fato é que este contingente populacional tenderá a aumentar sua participação no total da população brasileira (BERQUÓ, 1996), revelando a importância deste contingente populacional no âmbito regional, estadual e local.

GRÁFICO 11 – Distribuição da população de 65 anos e mais
Grandes Regiões Brasileiras, 1991 e 1996



Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991 e Contagem Populacional de 1996.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO IDOSA

Concentração de Idosos no Urbano

Ao longo dos últimos quarenta anos, a população idosa esteve concentrada nas áreas urbanas, particularmente o contingente feminino. Dos anos 50 aos 70, houve um predomínio desse grupo etário residindo no meio urbano, em comparação à proporção da população total, para ambos os sexos; muito embora a presença feminina idosa vivendo em áreas urbanas fosse mais acentuada (Tabela 10).

A partir dos anos 70, o intenso crescimento urbano experimentado para o conjunto do país contribuiu para a elevação do grau de urbanização da população de modo geral, diminuindo as diferenças relativas entre a proporção de população idosa vivendo em áreas urbanas e o conjunto da população. No caso da população idosa masculina verifica-se, inclusive, para 1980, 1991 e 1996, uma proporção menor de idosos no meio urbano que para a população total. Em contrapartida, a população feminina idosa continuou registrando proporção bem mais elevada no meio urbano que para o conjunto da população feminina, chegando a 82% a população feminina de 65 anos e mais vivendo no urbano, enquanto para a população total essa proporção era de 78%, em 1996.

Sem perder de vista que a migração campo-cidade jogou um papel importante na interpretação destes resultados, a maior mortalidade no meio rural, principalmente acentuada nas décadas passadas, não pode ser descartada como um dos fatores responsáveis pelo maior contingente de sobreviventes idosos nas cidades. A mortalidade diferencial por sexo também precisa ser evocada para a maior concentração de idosas nas cidades.

TABELA 10 – Proporção da população total e de 65 anos e mais na área urbana
Brasil, 1950-1996

ANOS	TOTAL		HOMENS		MULHERES	
	População Total	População de 65 anos e +	População Total	População de 65 anos e +	População Total	População de 65 anos e +
1950	36,2	43,9	34,7	39,0	37,6	48,1
1960	44,9	52,5	43,3	47,8	46,5	56,8
1970	55,9	60,0	54,4	56,2	58,0	63,8
1980	67,6	69,4	66,3	65,1	68,8	73,2
1991	75,6	76,4	74,3	72,6	76,9	79,7
1996	78,4	79,3	77,1	75,7	79,6	82,2

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1950 a 1991 e Contagem Populacional de 1996.

Interessante observar também que a maior concentração de idosas nas áreas urbanas, está presente em todas as grandes regiões do país, como atestam as razões de sexo das pessoas de 65 anos e mais: no Sul e Sudeste observa-se um déficit de 27 homens para cada 100 mulheres de 65 anos e mais. Por outro lado, ocorre o oposto no meio rural (Tabela 11), onde chega-se a encontrar uma razão de sexos de 159 homens para cada 100 mulheres no Centro-Oeste, por exemplo.

Nos casos das regiões Norte e Centro-Oeste, que apresentam maiores participações de idosos homens no rural, deve-se destacar o fato de que a expansão das fronteiras agrícolas, nessas regiões, especialmente nos anos 70, contribuiu para uma imigração com destino rural (MARTINE; CAMARGO, 1984; SALIM, 1992).

Afora essas especificidades regionais, a população idosa brasileira é predominantemente urbana, apresentando, inclusive, um grau de urbanização ligeiramente superior ao da população total. Em 1991, 75,6% da população nacional vivia em áreas urbanas, sendo que na população de 60 a 64 anos esta proporção alcançava 77,1% e na de 65 anos e mais 76,4%. De fato, esses contingentes populacionais, devem ter experimentado sucessivas migrações e participado dos históricos êxodos rurais ocorridos no Brasil.

**TABELA 11 – Razão de sexo da população de 65 anos e mais, por situação de domicílio
Grandes Regiões, Brasil – 1991 e 1996**

GRANDES REGIÕES	1991		1996	
	URBANO	RURAL	URBANO	RURAL
Norte	86,7	127,6	89,3	132,5
Nordeste	77,8	108,2	76,6	108,1
Centro-Oeste	91,6	159,9	91,5	158,9
Sudeste	73,4	117,8	72,8	115,8
Sul	73,5	102,9	73,0	100,9

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991 e Contagem Populacional de 1996.

A distribuição dos idosos segundo situação domiciliar também registra seus diferenciais regionais, marcados particularmente pelas desigualdades socioeconômicas prevalentes no país. As regiões Norte e Nordeste ainda apresentavam cerca de 35,0% de seus idosos (e também de sua população total) no meio rural, em 1996, ao passo que no Sudeste e Centro-Oeste (mesmo este último caracterizado como área de fronteira agrícola) mais de 80,0% de seus idosos e de suas populações totais já estavam no urbano (Tabela 12 e 12a). Em 1996, esse fenômeno se acentua, chegando a população idosa do Sudeste a alcançar um grau de urbanização de 90%.

TABELA 12 – População idosa segundo situação domiciliar Grandes Regiões - 1991

GRANDES REGIÕES	60 A 64 ANOS		65 ANOS E MAIS		POPULAÇÃO TOTAL	
	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL
Norte	97.850	64.450	190.166	111.491	5.922.574	4.107.982
(%)	60,3	39,7	63,0	37,0	59,1	41,0
Nordeste	572.611	364.376	1.292.758	857.841	25.776.279	16.721.261
(%)	61,1	38,9	60,1	39,9	60,7	39,4
Sudeste	1.558.875	199.172	2.876.229	349.782	55.225.983	7.514.418
(%)	88,7	11,3	89,2	10,8	88,0	12,0
Sul	433.431	166.354	803.838	295.908	16.403.032	5.726.345
(%)	72,3	27,7	73,1	26,9	74,1	25,9
Centro-Oeste	143.012	36.727	252.999	54.835	7.663.122	1.764.479
(%)	79,6	20,4	82,2	17,8	81,3	18,7
Brasil	2.805.779	831.079	5.415.990	1.669.857	110.990.990	35.834.485
(%)	77,2	22,9	76,4	23,6	75,6	24,4

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991.

TABELA 12a – População idosa segundo situação domiciliar Grandes Regiões - 1996

GRANDES REGIÕES	60 A 64 ANOS		65 ANOS E MAIS		POPULAÇÃO TOTAL	
	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL
Norte	121.551	71.668	248.820	125.611	7.014.261	4.226.692
(%)	62,9	37,1	66,5	33,5	62,4	37,6
Nordeste	664.066	366.212	1.594.804	861.637	29.119.473	15.516.103
(%)	64,5	35,5	64,9	35,1	65,2	34,8
Sudeste	1.692.133	196.843	3.488.564	372.028	59.672.823	7.157.552
(%)	89,6	10,4	90,4	9,6	89,3	10,7
Sul	493.083	165.748	999.063	323.057	18.132.948	5.348.726
(%)	74,8	25,2	75,6	24,4	77,2	22,8
Centro-Oeste	182.804	38.831	332.237	60.583	8.849.727	1.630.138
(%)	82,5	17,5	84,6	15,4	84,4	15,6
Brasil	3.153.637	839.302	6.663.488	1.742.916	122.789.232	33.879.211
(%)	79,0	21,0	79,3	20,7	78,4	21,6

Fonte: IBGE. Contagem Populacional de 1996.

Essa elevada concentração da população idosa em localidades urbanas aponta também a expressiva participação desse contingente populacional nas regiões metropolitanas brasileiras. Acompanhando a média nacional, cerca de 29,0% dos idosos (e da população total) do país estavam residindo nas metrópoles, em 1991. O que diferencia, no entanto, a população idosa metropolitana do conjunto dessa população é sua significativa concentração nos núcleos dessas regiões e não em suas periferias; diferente do que ocorre na distribuição da população jovem residente nessas áreas (BAENINGER, 1998).

Na Tabela 13 pode-se observar, primeiramente, a elevada proporção de idosos (65 anos e mais) na população total de todas as sedes metropolitanas, chegando a representar 7,4% da população residente na cidade do Rio de Janeiro (contra 4,5% da periferia dessa Região Metropolitana); 6,6% da população do núcleo metropolitano da Região de Porto Alegre, sendo que em sua periferia a população idosa respondia por 4,0%; 5,2% do total da população da cidade de São Paulo, enquanto que na periferia esta proporção era de 3,3%; e 5,3% da população do Recife. No conjunto da população metropolitana nacional, os idosos respondiam por 5,4% das populações de seus núcleos e 3,7% das populações periféricas, em 1991.

TABELA 13 – População idosa nas Regiões Metropolitanas Brasil, 1991

REGIÕES METROPOLITANAS	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO 65 ANOS E +	PROPORÇÃO DE IDOSOS NA POPULAÇÃO TOTAL	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA	
				TOTAL	IDOSA
Belém	1.332.845	46.623	3,5	100,0	100,0
Núcleo	1.244.690	44.707	3,6	93,4	95,9
Periferia	88.155	1.916	2,2	6,6	4,1
Fortaleza	2.306.674	93.492	4,1	100,0	100,0
Núcleo	1.768.638	74.347	4,2	76,7	79,5
Periferia	538.036	19.145	3,6	23,3	20,5
Recife	2.874.552	129.777	4,5	100,0	100,0
Núcleo	1.298.229	68.770	5,3	45,2	53,0
Periferia	1.576.323	61.007	3,9	54,8	47,0
Salvador	2.496.766	84.781	3,4	100,0	100,0
Núcleo	2.075.274	74.096	3,6	83,1	87,4
Periferia	421.492	10.685	2,5	16,9	12,6
Belo Horizonte	3.436.065	138.790	4,0	100,0	100,0
Núcleo	2.020.166	94.792	4,7	58,8	68,3
Periferia	1.415.899	43.998	3,1	41,2	31,7
Rio de Janeiro	9.814.567	600.590	6,1	100,0	100,0
Núcleo	5.480.767	403.187	7,4	55,8	67,1
Periferia	4.333.800	197.403	4,6	44,2	32,9
São Paulo	15.444.942	692.040	4,5	100,0	100,0
Núcleo	9.646.186	499.912	5,2	62,5	72,2
Periferia	5.798.756	192.128	3,3	37,5	27,8
Curitiba	2.000.800	81.728	4,1	100,0	100,0
Núcleo	1.315.031	59.543	4,5	65,7	72,9
Periferia	685.769	22.185	3,2	34,3	27,1
Porto Alegre	3.017.877	153.445	5,1	100,0	100,0
Núcleo	1.263.404	83.382	6,6	41,9	54,3
Periferia	1.754.473	70.063	4,0	58,1	45,7
Total	42.725.088	2.021.266	4,7	100,0	100,0
Núcleo	26.112.385	1.402.736	5,4	61,1	69,4
Periferia	16.612.703	618.530	3,7	38,9	30,6

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais – NEPO/UNICAMP, 1997.

A comparação na distribuição da população total e idosa de acordo com cada área metropolitana possibilita apreender como a população idosa está fortemente concentrada nos núcleos metropolitanos. Do total da população dos país residente em áreas metropolitanas (mais de 42 milhões), cerca de 61,0% estavam residindo em seus núcleos; do total da população idosa metropolitana (mais de 2 milhões), 69,0% concentrava-se no núcleo. Nos casos das regiões metropolitanas de Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre essa diferença na distribuição da população idosa quanto à núcleo e periferia regional é muito mais acentuada, sendo

bastante ilustrativo o caso da Região Metropolitana de Porto Alegre, onde cerca de 54,0% de sua população idosa estava em seu núcleo, ao passo que para o conjunto de sua população total, 58,0% encontrava-se na periferia.

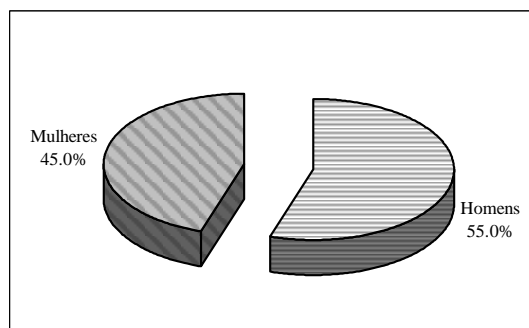
Essa concentração de idosos nos núcleos metropolitanos é de extrema importância para formulação de políticas sociais voltadas para esse público-alvo. De fato, torna-se importante destacar que se, de um lado, o núcleo metropolitano pode estar mais equipado de infra-estrutura urbana e social (postos de saúde etc.) que sua periferia, por outro lado, essa população pode não estar recebendo o atendimento necessário e nem ter a infra-estrutura adequada para sua circulação (guias rebaixadas, rampas etc.), ao mesmo tempo em que, por estarem também mais concentrados no centro dessas sedes metropolitanas¹ estão mais expostos à deteriorização das suas condições de vida, já que esta tem sido a realidade dos centros históricos das grandes e médias concentrações urbanas do país.

Nesse sentido, destaca-se que as cidades pequenas também vem passando por este processo de envelhecimento populacional, principalmente aquelas marcadas por fortes emigrações, já que estando os jovens mais propensos à migração, os idosos acabam tendo maior peso na população total; portanto, nas pequenas localidades a questão do idoso também terá, cada vez mais, importância crescente, embora essa questão possa ainda não estar pautada na agenda social dos municípios.

A maior concentração de idosos no urbano deve prevalecer no final do século, com 82% da população idosa vivendo nas cidades. Nestas, a razão de sexos deverá ser de 81,8% contra 122,2% na área rural (Gráficos 12, 13 e 14).

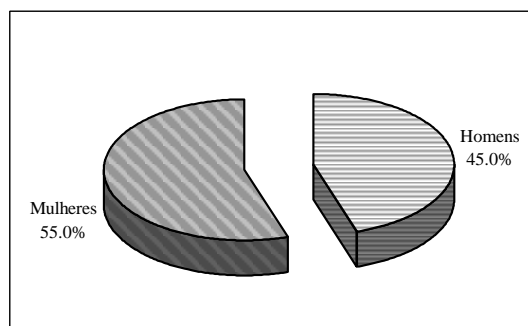
¹ Em aglomerações urbanas também se observa maior concentração de idosos nas sedes regionais, o mesmo se repetindo ao nível municipal com a predominância da população idosa residir nos centros das cidades. O caso de Campinas é bastante ilustrativo; a este respeito veja-se PMC, 1993.

GRÁFICO 12 – Distribuição da população rural de 65 anos e mais, segundo sexo - Brasil, 2000



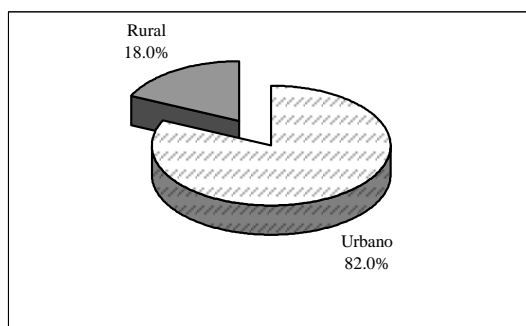
Fonte: Camarano (1989).

GRÁFICO 13 – Distribuição da população urbana de 65 anos e mais, segundo sexo
Brasil, 2000



Fonte: Camarano (1989).

GRÁFICO 14 – População idosa, segundo situação domiciliar - Brasil, 2000



Fonte: Camarano (1989).

Idosos e Migração²

Idosos nos movimentos migratórios interestaduais dos anos 80

Entre 1981-1991, cerca de 11 milhões de brasileiros mudaram de um para outro estado³, dos quais mais de 223 mil eram pessoas que, em 1991, estavam com mais de 65 anos de idade (Tabela 14), correspondendo a 2,0% da migração nacional.

Considerando as Unidades da Federação, nota-se que a participação de pessoas que estavam com 65 anos e mais em 1991 e que estavam envolvidas nos movimentos migratórios da década de 80 foi bastante diversificada, chamando atenção a elevada proporção de migrantes idosos⁴ para alguns estados do Nordeste, como Rio Grande do Norte e Paraíba, onde esta participação chegou a 3,0% do total dos imigrantes que entraram de outros estados (e que sobreviveram e permaneceram nas áreas). Também para os estados do Paraná e Minas Gerais, a contribuição da migração de idosos foi importante (2,7% e 2,5% no total da imigração, respectivamente), uma vez que tais estados, juntamente com o Nordeste, constituíram-se em áreas de concentração da migração de retorno em nível nacional nos anos 80 (BAENINGER, 1997; PACHECO et al., 1997), indicando, portanto, a participação de idosos nesse movimento de retorno. Destaca-se que no caso do Estado de São Paulo, a migração de idosos vindos de outros estados representou apenas 1,7% do total de sua imigração, muito embora esta área tenha recebido um fluxo de, pelo menos, 45 mil pessoas que, em 1991, registravam mais de 65 anos de idade.

Quanto à este aspecto é importante ressaltar que mesmo pequena em termos relativos, a participação de idosos nos totais das imigrações inter-regionais implica na entrada de contingentes populacionais que representarão demandas sociais adicionais específicas para as áreas de destino, inclusive para áreas antes consideradas de “expulsão de população”, em virtude do crescente retorno migratório às áreas de nascimento. Para exemplificar, cerca de 9 mil pessoas de mais de 65 anos de idade residentes no Estado de Pernambuco, em 1991, eram migrantes que haviam chegado de outros estados no período de 1981-1991.

² As informações referentes à migração, nesse nível de detalhamento, podem somente ser obtidas a partir de levantamentos censitários; desse modo, as análises a respeito das características dos idosos migrantes e não-migrantes estão baseadas no último censo demográfico, realizado em 1991.

³ População residente há menos de 10 anos na Unidade da Federação de residência atual.

⁴ Embora não se esteja considerando a idade ao migrar, definiu-se como migrante idoso aquele indivíduo que mudou de residência entre 1981-1991 e que, em 1991, estava com mais de 65 anos de idade.

TABELA 14 – Participação da população idosa (65 anos e mais) nos movimentos migratórios interestaduais⁽¹⁾
Unidades da Federação - Brasil 1981-1991

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	IMIGRAÇÃO ⁽²⁾		PARTICIPAÇÃO DE IDOSOS NA IMIGRAÇÃO (%)
	TOTAL	65 ANOS E MAIS	
Rondônia	416.207	8.105	2,0
Acre	29.847	610	2,0
Amazonas	115.338	1.665	1,4
Roraima	63.614	896	1,4
Pará	510.943	8.965	1,8
Amapá	43.684	937	2,1
Tocantins	159.289	3.327	2,1
Maranhão	238.755	4.971	2,1
Piauí	162.563	3.022	1,9
Ceará	295.777	6.403	2,2
Rio Grande do Norte	160.074	4.754	3,0
Paraíba	209.102	6.136	2,9
Pernambuco	373.547	8.776	2,4
Alagoas	134.577	3.549	2,6
Sergipe	122.550	2.865	2,3
Bahia	459.365	9.816	2,1
Minas Gerais	812.359	20.664	2,5
Espírito Santo	270.921	6.433	2,4
Rio de Janeiro	600.771	14.612	2,4
São Paulo	2.734.821	45.845	1,7
Paraná	620.557	17.020	2,7
Rio Grande do Sul	247.891	4.295	1,7
Santa Catarina	334.426	7.429	2,2
Mato Grosso	543.185	9.313	1,7
Mato Grosso do Sul	271.923	6.840	2,5
Goiás	520.359	10.214	2,0
Distrito Federal	354.921	5.887	1,7
TOTAL	10.807.366	223.349	2,1

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

(1) População com menos de 10 anos de residência na Unidades da Federação atual.

(2) Utilizou-se o método prorata para redistribuição dos fluxos interestaduais.

Pode-se ainda destacar que dentre os idosos envolvidos na migração interestadual dos anos 80, no grupo com mais de 65 anos de idade, a presença feminina foi superior que a masculina (refletindo inclusive a maior esperança de vida feminina) ao contrário do grupo de 60 a 64 anos, onde a razão de sexos chega a 1,04 (Tabela 15). Ou seja, a migração de idosos interestaduais é marcada pela maior participação de mulheres.

No panorama da migração nacional pode-se dizer que o baixo volume de idosos na migração interestadual dos anos 80, pode estar indicando que para este contingente populacional os deslocamentos no espaço têm-se

caracterizado mais por movimentos de curta do que de longa distância, como se verá adiante quando da análise da migração intermunicipal.

TABELA 15 – Migrantes interestaduais⁽¹⁾ Idosos por sexo - Brasil, 1991

GRUPOS DE IDADE	MIGRANTES INTERESTADUAIS		DISTRIBUIÇÃO RELATIVA NA MIGRAÇÃO TOTAL		DISTRIBUIÇÃO RELATIVA POR SEXO		RAZÃO DE SEXOS
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	
60 a 64	68.632	65.926	1,3	1,2	39,7	35,7	1,0
65 e mais	104.268	118.776	1,9	2,2	60,3	64,3	0,9
Outras Idades	5.250.601	5.199.163	96,8	96,6	100,0	100,0	1,0
TOTAL GERAL	5.423.501	5.383.865	100,0	100,0			1,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

(1) População com menos de 10 anos de residência na UF atual.

População idosa natural⁵ e não-natural⁶ do município de residência atual

Quando se considera a população idosa que mora fora de seu município de nascimento, não importando há quanto tempo nele reside, constata-se que esta proporção é muito elevada. De fato, mais da metade da população brasileira de 60 a 64 anos e de 65 anos e mais (em torno de 56,0% das mesmas) estavam, em 1991, residindo em município que não os de nascimento (Tabela 16).

Enquanto para o conjunto da população brasileira, 63,7% moravam no lugar onde nasceu, dos quais cerca de 61,0% nunca haviam mudado do município de nascimento, dentre a população idosa, em torno de 43,0% permaneciam em sua cidade natal.

Essa alta proporção de idosos não-naturais dos municípios onde residem pode estar relacionada ao fato de que, não considerando o tempo de residência nessas localidades, parte desta população idosa reside hoje em municípios criados a partir de desmembramentos originados de seus municípios de nascimento, sendo que outra parte considerável desses idosos não-naturais participaram, de fato, dos movimentos migratórios das décadas passadas.

Comparando-se a população total e idosa (65 anos e mais) segundo condição de naturalidade, como ilustra o Gráfico 15, observa-se tendências inversas entre naturais e não-naturais nessas populações, bem como destaca-se participação ligeiramente mais elevada de retorno aos seus municípios de nascimento para a população idosa.

⁵ População que nasceu no município de residência atual que nunca mudou (natural puro) ou mudou e voltou (natural retorno).

⁶ População que não nasceu no município atual, independente do tempo de residência.

Quanto à participação da população idosa por sexo de acordo com naturais e não-naturais dos municípios, pode-se observar que enquanto para a população idosa não-natural não se identifica diferenciais significativos por sexo, na população total verifica-se proporção mais elevada de mulheres residindo fora de seus locais de nascimento (35,5% na população masculina contra 37,1%, na feminina).

TABELA 16 – Idosos naturais e não-naturais do Município de Residência Atual - Brasil, 1991

POPULAÇÃO	GRUPOS DE IDADE		POPULAÇÃO TOTAL
	60 A 64 ANOS	65 ANOS E MAIS	
População Total	3.636.493	7.039.611	146.815.790
Homens	1.708.467	3.185.705	72.478.156
Mulheres	1.928.026	3.853.906	74.337.634
Estavam onde nasceram (1)	1.555.254	3.065.465	93.467.329
Homens	725.180	1.381.051	46.723.709
Mulheres	830.074	1.684.414	46.743.620
Nunca saíram (2)	1.427.177	2.827.354	88.901.356
Homens	664.197	1.269.879	44.497.766
Mulheres	762.980	1.557.475	44.403.590
Sairam e voltaram (3)	128.077	238.111	4.565.973
Homens	60.983	111.172	2.225.943
Mulheres	67.094	126.939	2.340.030
Estavam onde não nasceram (4)	2.081.239	3.974.146	53.348.461
Homens	983.287	1.804.654	25.754.447
Mulheres	1.097.952	2.169.492	27.594.014
Participação na População do Grupo Etário			
Estavam onde nasceram	42,8	43,5	63,7
Homens	42,4	43,4	64,5
Mulheres	43,1	43,7	62,9
Nunca saíram	39,2	40,2	60,6
Homens	38,9	39,9	61,4
Mulheres	39,6	40,4	59,7
Sairam e voltaram	3,5	3,4	3,1
Homens	3,6	3,5	3,1
Mulheres	3,5	3,3	3,1
Estavam onde nasceram	57,2	56,5	36,3
Homens	57,6	56,6	35,5
Mulheres	56,9	56,3	37,1

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

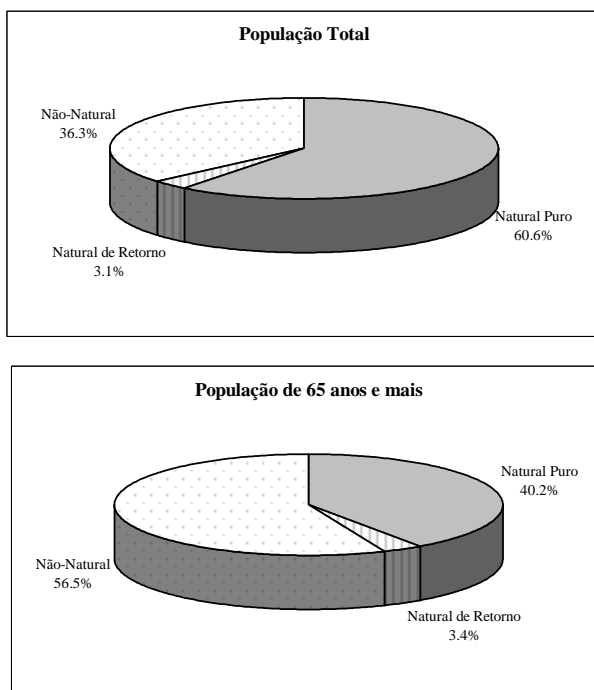
Notas: (1) População que nasceu no município de residência atual, portanto população natural.

(2) População que nasceu no município de residência atual e nunca migrou (Natural Puro).

(3) População que nasceu no município de residência atual, migrou em algum momento e retornou ao município de nascimento (Natural de Retorno).

(4) População que não nasceu no município de residência atual (População Não-Natural).

GRÁFICO 15 – População total e idosa segundo condição de naturalidade - Brasil, 1991



Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

Desagregando a população idosa segundo condição de naturalidade de acordo com as regiões brasileiras (Tabela 17 e 17A) nota-se que a maior proporção de idosos, tanto para o grupo de 60 a 64 anos como para o de 65 anos e mais, que nunca mudou do município onde nasceu encontrava-se na Região Nordeste; de fato, mais da metade de seus idosos sempre residiu no local de nascimento, sendo que nesta região também pode-se verificar participação mais elevada de idosos que em algum momento de suas vidas saíram e voltaram ao município de origem (em torno de 4,0% do total), indicando a importância da migração de retorno para o Nordeste, inclusive de idosos.

TABELA 17 – Proporção de idosos segundo condição de naturalidade Grandes Regiões, 1991

GRANDES REGIÕES	GRUPOS DE IDADE					
	60 A 64			65 E MAIS		
	Nasceram no Município		Não Nasceram no Município	Nasceram no Município		Não Nasceram no Município
	Nunca Saíram	Saíram e Voltaram		Nunca Saíram	Saíram e Voltaram	
Norte	73.067	3.247	85.782	139.968	6.748	151.218
Nordeste	477.314	42.243	420.221	1.109.610	85.386	938.224
Sudeste	625.783	57.685	1.073.430	1.115.066	104.137	1.991.377
Sul	215.239	21.670	360.497	399.759	36.361	658.787
Centro-Oeste	35.774	3.232	141.309	62.951	5.479	234.540
Brasil	1.427.177	128.077	2.081.239	2.827.354	238.111	3.974.146

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

TABELA 17a – Proporção de idosos segundo condição de naturalidade - Grandes Regiões, 1991

GRANDES REGIÕES	GRUPOS DE IDADE					
	60 A 64			65 E MAIS		
	Nasceram no Município		Não Nasceram no Município	Nasceram no Município		Não Nasceram no Município
	Nunca Saíram	Saíram e Voltaram		Nunca Saíram	Saíram e Voltaram	
Norte	45,1	2,0	52,9	47,0	2,3	50,8
Nordeste	50,8	4,5	44,7	52,0	4,0	44,0
Sudeste	35,6	3,3	61,1	34,7	3,2	62,0
Sul	36,0	3,6	60,3	36,5	3,3	60,2
Centro-Oeste	19,8	1,8	78,4	20,8	1,8	77,4
Brasil	39,3	3,5	57,2	40,2	3,4	56,5

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

Nas demais regiões, a proporção de idosos que não nasceram no município onde reside, principalmente no Centro-Oeste, Sudeste e Sul, supera a média nacional, chegando no caso da primeira região a corresponder a 78,4% os idosos não-naturais da área, proporção que se explica, em parte, pela formação de Brasília (que desencadeou um elevado fluxo migratório há trinta anos atrás) e, por outro lado, pela própria atração migratória da fronteira agrícola.

As desagregações espaciais evidenciam, mais acentuadamente, o enorme contingente de idosos que vivem hoje em cidades que não aquelas de nascimento. Nas áreas metropolitanas, focos de atração de população há várias décadas, é extremamente elevada a proporção de idosos não-naturais de seus municípios de residência (Tabela 18).

Do total da população idosa metropolitana do país, 68,0% eram, em 1991, não-naturais, sendo que para a população total essa proporção era de 42,0%. É de se destacar que em algumas das cidades-sedes das Regiões

Metropolitanas encontra-se uma proporção muito elevada de idosos não-naturais no total de suas populações idosas; são os casos de Fortaleza (71,0%), Belo Horizonte (85,0%), Porto Alegre (70,0%).

Tanto para a população idosa quanto para a total residente em áreas metropolitanas pode-se observar, de modo geral, uma proporção superior de não-naturais nas periferias que nos núcleos (Gráfico 16), indicando, principalmente, os movimentos migratórios intrametropolitanos. Para a população idosa a proporção de não-naturais residentes em áreas periféricas chega a 78,0%, ultrapassando a da população total, 51,5%; de fato, as periferias metropolitanas são caracterizadas ainda por taxas de fecundidade mais elevadas, se comparadas aos núcleos, contribuindo para aumentar o peso dos naturais. Nos núcleos metropolitanos também se observa maior participação de idosos não-naturais apontando o envolvimento dessa população em migrações antigas e, também, recentes.

Assim, à medida que se considera unidades geográficas menores vai se tornando mais nítida a intensa mobilidade espacial que este contingente idoso já vivenciou e, por isso, a tendência a movimentos de retorno de idosos ao local de origem ter se tornado crescente, aspecto este de suma importância para a formulação de políticas sociais.

TABELA 18 – População Idosa não-natural dos Municípios das Regiões Metropolitanas Brasil, 1991

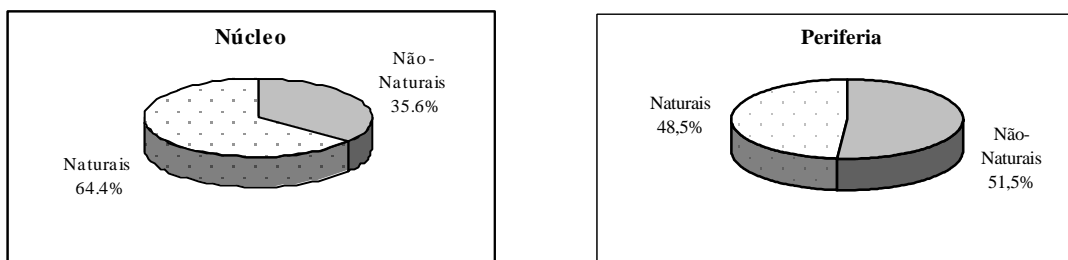
REGIÕES METROPOLITANAS	POPULAÇÃO TOTAL NÃO NATURAL (1)	POPULAÇÃO 65 ANOS E + NÃO NATURAL (1)	PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO NÃO-NATURAL (1) NO TOTAL DA POPULAÇÃO (%)	
			POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO IDOSA
Belém	415.506	24.292	31,2	52,1
Núcleo	348.987	22.457	28,0	50,2
Periferia	66.519	1.835	75,5	95,8
Fortaleza	976.690	66.193	42,3	70,8
Núcleo	719.735	56.140	40,7	75,5
Periferia	256.955	10.053	47,8	52,5
Recife	1.115.005	89.824	38,8	69,2
Núcleo	356.882	42.698	27,5	62,1
Periferia	758.123	47.126	48,1	77,3
Salvador	843.687	51.225	33,8	60,4
Núcleo	646.819	44.514	31,2	60,1
Periferia	196.868	6.711	46,7	62,8
Belo Horizonte	1.682.818	114.014	49,0	82,2
Núcleo	864.248	80.949	42,8	85,4
Periferia	818.570	33.065	57,8	75,2
Rio de Janeiro	3.288.635	365.433	33,5	60,6
Núcleo	1.517.235	215.617	27,7	53,5
Periferia	1.771.400	149.816	40,9	75,9
São Paulo	7.038.475	496.205	45,6	71,7
Núcleo	3.692.794	329.548	38,3	65,9
Periferia	3.345.681	166.657	57,7	86,7
Curitiba	980.631	53.731	49,0	65,7
Núcleo	626.069	41.350	47,6	69,5
Periferia	354.562	12.381	51,7	55,8
Porto Alegre	1.500.775	112.977	49,7	73,6
Núcleo	514.363	58.866	40,7	70,6
Periferia	986.412	54.111	56,2	77,2
Total	17.842.222	1.373.894	41,8	68,0
Núcleo	9.287.132	892.139	35,6	63,6
Periferia	8.555.090	481.755	51,5	77,9

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais – NEPO/UNICAMP, 1997.

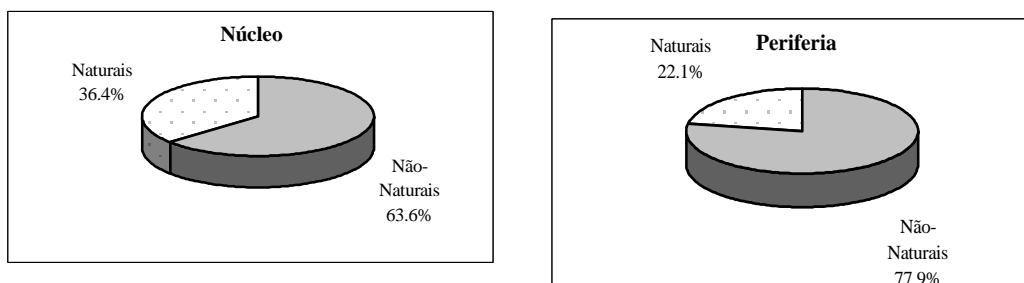
Nota: (1) População que residia em municípios onde não nasceu.

GRÁFICO 16 – Composição da população metropolitana segundo condição de naturalidade
Brasil, 1991

População Metropolitana Total



População Idosa Metropolitana (65 anos e mais)



Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

Os migrantes idosos intermunicipais⁷

Considerando o total da população brasileira que mudou, pelo menos uma vez, de município no período de 1981-1991 chega-se a um volume de 26 milhões de pessoas, das quais cerca de 405 mil registravam 60 a 64 anos, em 1991, e 738 mil mais de 65 anos de idade (Anexo 1). Portanto, 11,0% do total da população de 60 a 64 anos do Brasil havia migrado nos últimos dez anos e 10,5% da de 65 anos e mais, indicando, de fato, a alta mobilidade espacial da população idosa.

Do total da migração da população com mais de 60 anos de idade, cerca de 90,0% se destinaram aos municípios que não o de nascimento, cabendo, portanto, aos restantes 10,0% o retorno para os locais de origem.

⁷ Considera-se como migrante a população residente há menos de dez anos no município de residência atual, incluindo o migrante de retorno e o não-natural.

A população idosa segundo condição migratória e sexo aponta maior participação de mulheres envolvidas nos movimentos migratórios; na população migrante com mais de 65 anos, cerca de 55,0% eram mulheres.

Considerando a condição migratória da população idosa (com mais de 65 anos) segundo as grandes regiões brasileira pode-se verificar, na Tabela 19, a significativa participação de migrantes idosos para determinadas regiões, em especial para aquelas de fronteira agrícola (Norte e Centro-Oeste), as quais ainda registraram nos anos 80 capacidade de atração migratória em função dos resquícios desse dinamismo econômico.

TABELA 19 – Distribuição da população idosa (65 anos e mais) segundo condição migratória
Grandes Regiões – Brasil, 1991

GRANDES REGIÕES	POPULAÇÃO IDOSA MIGRANTE			POPULAÇÃO IDOSA NÃO-MIGRANTE	
	TOTAL	RETORNO	NÃO-NATURAL	NUNCA MIGROU	MORA HÁ MAIS DE 10 ANOS
Norte					
Homens	13,9	0,7	13,2	46,0	40,1
Mulheres	24,7	0,6	24,1	42,5	32,8
Nordeste					
Homens	9,4	1,3	8,1	52,2	38,4
Mulheres	9,3	1,1	8,2	51,8	38,8
Sudeste					
Homens	9,5	0,8	8,7	34	56,5
Mulheres	9,1	0,7	8,4	35,3	55,6
Sul					
Homens	11,2	0,8	10,3	35,9	52,9
Mulheres	11,1	0,8	10,2	37,0	51,9
Centro-Oeste					
Homens	20,1	0,5	19,6	20,3	59,6
Mulheres	17,6	0,5	17,1	21,3	61,1
Brasil					
Homens	10,4	0,9	9,5	39,9	49,7
Mulheres	10,5	0,8	9,7	40,2	49,3

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

Na população idosa da Região Norte nota-se diferenças acentuadas na distribuição por sexo e condição migratória; enquanto no total dos homens idosos 14,0% eram migrantes, no total de mulheres idosas da região essa participação alcançava 25,0%, predominando para ambos os sexos a migração de não-natural. Nesse caso, pode-se supor que o diferencial por sexo da esperança de vida esteja tendo um peso significativo, bem como a importância das mulheres idosas estarem na condição familiar como outros parentes, migrando com filhos.

Na Região Centro-Oeste, os idosos que chegaram no período de 1981-1991 representaram 20,0% dos homens e 17,6% das mulheres; chama atenção para essa região que tanto para o total da população idosa masculina quanto feminina da região apenas 20,0% nunca havia migrado de município. Por outro lado, em torno de 60,0% dos idosos da região eram pessoas não-naturais e que já moravam lá há mais de 10 anos.

No caso da Região Sul cerca de 11,0% dos homens e das mulheres idosas mudaram de município nos anos 80. As regiões Nordeste e Sudeste apresentavam proporções semelhantes de migrantes em seus contingentes idosos masculinos e femininos. No entanto, para o Nordeste deve-se destacar que dentre esses migrantes idosos, aqueles de retorno começam a dar indícios de movimentos emergentes. No Sudeste, marcado pela forte atração migratória, pode-se observar que mais de 56,0% de seus idosos eram não-naturais e residiam há mais de dez anos no município atual.

Nesse sentido, é importante ressaltar que os jovens migrantes de décadas passadas, nas quais a absorção desses no mercado de trabalho era mais nítida, vêm se tornando os idosos residentes há mais de dez anos em vários dos municípios brasileiros, o que tem contribuído para uma perspectiva de retorno dos mesmos ao local de nascimento.

Escolaridade da população idosa

Em que pese o fato de que o analfabetismo no país venha declinando nas últimas décadas, a média nacional é ainda muito elevada. Em 1995, 20% da população maior de 5 anos não sabia ler nem escrever. Por sexo, a alfabetização foi sempre maior para os homens, quadro este que começou a se reverter na década de 80. O grande diferencial por sexo veio, de fato, se atenuando e, em três décadas, homens e mulheres atingiram a média nacional.

Para a população idosa, a situação é ainda mais grave (Tabela 20), pois 38% dos homens e 45% das mulheres declararam-se analfabetos, em 1995.

TABELA 20 – População total* e de 65 anos e mais, segundo sexo e alfabetização
Brasil, 1960-1995

ANOS	POPULAÇÃO TOTAL		POPULAÇÃO DE 65 E MAIS	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
1960	55,7	50,6	51,4	34,7
1970	62,0	58,7	52,7	38,0
1980	68,6	67,3	52,5	40,6
1991	74,2	75,5	55,8	48,9
1995	80,4	81,6	62,1	55,0

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1960 a 1991 e PNAD 1995.

Nota: (*) Refere-se à população de 5 anos e mais.

Sabe-se também que mesmo entre aqueles que conseguiram chegar às escolas, apenas 50% puderam completar o curso primário. Ou seja, é bastante baixa a escolaridade da população idosa e esta é tanto mais grave quanto mais velhas as coortes. O diferencial por sexo é também tanto mais agudo quanto mais se distancia no tempo.

É preciso recordar que a situação de escolaridade das pessoas atualmente idosas remete a períodos calendários quando as chances de acesso à educação se davam de forma bastante assimétrica por classe social e gênero.

Como consequência, os idosos e, em particular, as mulheres idosas estão expostos a enfrentar dificuldades agravadas pela falta de escolaridade na tentativa de buscar condições de existência e de sobrevivência.

A etnia dos idosos no país

A composição étnica dos idosos no país revela que 60,8% são brancos e 38,1% são negros, cabendo aos asiáticos e indígenas cerca de 1% (Tabela 21).

O fato da grande maioria da população negra (composta de auto-declarados pardos e pretos) no país pertencer aos extratos mais pobres da população, explica que dentre os idosos sua participação relativa seja menor do que com relação à população total.

Com uma sobremortalidade em relação à população branca, característica desde períodos históricos, apenas 5,1% da população negra chegou a atingir 65 anos e mais, na última década, em comparação com os 6,0% correspondentes aos idosos brancos.

TABELA 21 – População total e de 65 anos e mais por raça - Brasil – 1995

RAÇA	DISTRIBUIÇÃO NA POPULAÇÃO TOTAL (%)	DISTRIBUIÇÃO NA POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS (%)	PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS NA POPULAÇÃO TOTAL POR RAÇA
Branca	54,3	60,8	6,4
Negra	45,1	38,1	4,8
Asiática	0,5	0,9	10,4
Indígena	0,1	0,2	6,5
TOTAL	100,0	100,0	-

Fonte: IBGE. PNAD (1995).

São os asiáticos os que têm maior chance de atingir idades mais avançadas, como demonstram os 9,3% de sua população com 65 anos e mais.

As regiões Norte e Nordeste apresentavam, em 1995, 73% e 65%, respectivamente, de sua população idosa composta por negros; nas regiões Sudeste e Sul, proporções superiores à 70,0% eram de idosos brancos, sendo esta proporção na Região Centro-Oeste de 60,0% (Tabela 22). Na verdade, o efeito regional define a composição étnica para o conjunto da população. O importante a reter, no entanto, é que a condição étnica pode ser mais um agravante para as condições de vida da população idosa.

TABELA 22 – População total e de 65 anos e mais por cor - Brasil – 1995

COR	DISTRIBUIÇÃO NA POPULAÇÃO TOTAL	DISTRIBUIÇÃO NA POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS	PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS NA POPULAÇÃO TOTAL POR COR
Norte			
Branca	28,3	26,5	3,4
Negra	71,3	73,2	3,7
Asiática	0,2	0,2	4,0
Indígena	0,2	0,1	1,8
TOTAL	100,0	100,0	-
Nordeste			
Branca	27,8	34,3	7,3
Negra	71,9	65,4	5,4
Asiática	0,1	0,1	6,2
Indígena	0,2	0,2	5,9
TOTAL	100,0	100,0	-
Centro-Oeste			
Branca	48,2	54,2	6,4
Negra	51,3	45,1	4,8
Asiática	0,2	0,5	10,4
Indígena	0,3	0,2	6,5
TOTAL	100,0	100,0	-
Sudeste			
Branca	65,7	72,1	6,7
Negra	33,4	26,3	4,8
Asiática	0,9	1,5	11,0
Indígena	0,0	0,1	18,3
TOTAL	100,0	100,0	-
Sul			
Branca	84,3	88,2	5,9
Negra	15,2	11,0	4,1
Asiática	0,4	0,7	9,2
Indígena	0,1	0,1	6,0
TOTAL	100,0	100,0	-
Total			
Branca	54,3	60,8	6,4
Negra	45,1	38,1	4,8
Asiática	0,5	0,9	10,4
Indígena	0,1	0,2	6,5
TOTAL	100,0	100,0	-

Fonte: IBGE, PNAD (1995).

A Chefia de domicílios por idosos

Enquanto na população geral a chefia feminina, em 1995, corresponde a apenas 23,0% contra os 77,0% de homens chefes, quando se passa para a população idosa esta diferença fica bastante reduzida. Das chefias idosas, 63% são exercidas por homens e 37% por mulheres (Tabela 23). Por outro lado, do total de chefes homens, 11% são idosos, enquanto que do total de chefias femininas, 21% são mulheres de 65 anos e mais (Tabela 24).

TABELA 23 – Distribuição relativa dos chefes de domicílios com 65 anos e mais, por sexo
Brasil, 1995

SEXO	TOTAL DE CHEFES NA POPULAÇÃO	TOTAL DE CHEFES DE 65 ANOS E MAIS
Homens	77,1	63,2
Mulheres	22,9	36,8
Total	100,0	100,0

Fonte: IBGE. PNAD (1995).

TABELA 24 – Proporção de chefes de domicílios com 65 anos e mais, por sexo
Brasil, 1995

FAIXAS DE IDADE	Chefes de Domicílios				TOTAL
	HOMENS	PROPORÇÃO NA POPULAÇÃO TOTAL	MULHERES	PROPORÇÃO NA POPULAÇÃO TOTAL	
Total de Chefes na População Total	32.366.675		9.619.026		41.985.701
Total de Chefes com 65 anos e mais	3.534.474	10,9	2.061.294	21,4	5.595.768
Total de Chefes de 65 a 69 anos	1.475.241	4,6	720.611	7,5	2.195.852
Total de Chefes de 70 a 74 anos	969.896	3,0	548.057	5,7	1.517.953
Total de Chefes de 75 a 79 anos	629.247	1,9	409.164	4,3	1.038.411
Total de Chefes de 80 anos e mais	460.090	1,4	383.462	4,0	843.552

Fonte: IBGE. PNAD (1995).

A Tabela 24 revela também os altos contingentes de pessoas muito idosas chefiando domicílios, ou seja, em 1995, 3,4 milhões de idosos de 70 anos, ou ainda mais velhos, estavam como chefes de famílias.

Como se sabe, há no país um empobrecimento de domicílios de chefia feminina decorrente, em parte, de viuvez, separações, maternidade sem casamento, não participação dos pais que muitas vezes se divorciam não só das mulheres, mas também dos filhos.

O censo de 1991 reafirma este fato. A Tabela 25 ao apresentar a distribuição das chefias, segundo classes de

rendimento para cada um dos sexos, mostra que às chefiadas femininas correspondem os menores rendimentos. As chefiadas idosas são também mais pobres e destas as mulheres são ainda as mais vulneráveis.

TABELA 25 – Chefes de domicílios total e de 65 anos e mais, segundo sexo e classes de rendimento nominal médio mensal (em salários mínimos) - Brasil - 1991

CLASSES DE RENDIMENTOS	TOTAL DE CHEFES				CHEFES DE DOMICÍLIOS DE 65 ANOS E MAIS			
	Homens	Distribuição Relativa (%)	Mulheres	Distribuição Relativa (%)	Homens	Distribuição Relativa (%)	Mulheres	Distribuição Relativa (%)
Até 2 SM	15.125.339	53,2	4.177.616	66,4	2.026.379	72,9	1.142.737	79,8
2 a 5 SM	7.104.912	25,0	949.552	15,1	380.181	13,7	131.051	9,2
5 a 10 SM	6.061.017	10,8	414.686	6,6	162.988	5,9	55.287	3,9
+ de 10 SM	2.140.348	7,5	247.958	3,9	144.256	5,2	38.659	2,7
Sem Rendimento	895.824	3,1	379.310	7,6	57.853	2,1	58.583	4,1
Sem Declaração	113.007	0,4	24.146	0,4	9.278	0,3	3.986	0,3
TOTAL	28.440.447	100,0	6.294.268	100,0	2.780.935	100,0	1.431.303	100,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991.

Quando se considera a condição na família da população idosa (65 anos e mais) de acordo com a condição migratória (migrante e não-migrante) verifica-se que em ambas categorias a condição do idoso é marcada por ser chefe ou cônjuge ou estar na condição de outros parentes (Tabela 26).

Dentre os homens da população idosa migrante não-natural, 81,0% encontravam-se, em 1991, na condição de chefes e 12,7% como outros parentes, sendo que dentre os migrantes de retorno do sexo masculino, a condição de chefe correspondia a 86,7% do total dos homens nessa condição migratória e a de outros parentes, 7,4%. Na população idosa masculina não-migrante, os chefes chegavam a 90,2% e a condição “outros parentes”, a 6,1%.

TABELA 26 – Estrutura da população idosa migrante e não migrante segundo sexo e condição na família - Brasil, 1991

CONDIÇÃO NA FAMÍLIA	DISTRIBUIÇÃO RELATIVA (%)					
	POPULAÇÃO MIGRANTE				POPULAÇÃO NÃO MIGRANTE	
	NÃO-NATURAL		RETORNO			
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
Chefe						
População 65 anos e mais	81,0	27,4	86,7	35,3	90,2	39,2
População Total	46,8	8,7	45,9	12,1	39,9	10,7
Cônjuge						
População 65 anos e mais	1,2	27,5	0,7	32,5	0,8	33,2
População Total	0,7	43,2	0,6	41,1	0,5	35,3
Filho(a)/Enteado(a)						
População 65 anos e mais	0,1	0,2	0,2	0,4	0,1	0,2
População Total	41,2	34,8	47,4	39,8	54,3	47,1
Irmão(ã)/Cunhado(a)						
População 65 anos e mais	1,5	2,7	3,0	5,2	1,3	3,0
População Total	3,5	2,7	1,8	1,5	1,2	1,3
Outros Parentes						
População 65 anos e mais	12,7	37,9	7,4	23,6	6,1	22,3
População Total	4,1	5,2	3,2	3,5	3,2	4,4
Agregado(a)						
População 65 anos e mais	1,1	1,2	0,6	0,9	0,7	0,9
População Total	1,6	1,8	0,6	0,8	0,5	0,6
Empregado(a) Doméstico(a)						
População 65 anos e mais	0,0	0,2	0,0	0,1	0,0	0,2
População Total	0,1	2,8	0,0	0,9	0,0	0,4
Pensionista						
População 65 anos e mais	0,1	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0
População Total	0,4	0,2	0,1	0,1	0,1	0,0
Individual						
População 65 anos e mais	2,2	2,8	1,2	1,9	0,8	1,0
População Total	1,7	0,5	0,4	0,2	0,2	0,1
Total						
População 65 anos e mais	305.147	351.828	29.657	32.154	2.839.900	3.469.917
População Total	11.802.428	12.229.045	1.380.910	1.441.655	59.294.802	60.666.943

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

Na população idosa feminina a participação na categoria “outros parentes” era muito mais expressiva que na masculina, indicando os rearranjos familiares quando da viuvez. Entre as idosas migrantes não-naturais, 37,9% encontravam-se nessa condição familiar, sendo esta participação de 23,6% entre as migrantes de retorno e de 22,3% entre as idosas não-migrantes.

Chama atenção também na população idosa feminina a maior participação de chefes entre a população não-migrante e migrante de retorno, podendo estar indicando que no local de nascimento a condição de chefia é mais favorecida em função de apoio e redes familiares.

Estado conjugal da população idosa

Para a população maior de 15 anos, os últimos dados disponíveis informam que há mais homens do que mulheres no status de solteiros e casados, dando-se o inverso quanto aos divorciados e viúvos (Tabela 26), confirmando dados censitários anteriores.

Quando se trata da população idosa, a discrepância por sexo, quanto ao status marital, se radicaliza sendo reveladora de um elevadíssimo contingente de viúvas (52%, em 1995), em contraste com o alto percentual de homens casados (76%, em 1995). Mais de três quartos dos homens estão em união conjugal (a primeira, segunda ou mais), e mais da metade das mulheres permaneceram viúvas.

TABELA 27 – Distribuição da população total* e de 65 anos e mais, por estado conjugal e sexo Brasil, 1995

ESTADO CONJUGAL	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL (%)			DISTRIBUIÇÃO POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS			PROPORÇÃO NA POPULAÇÃO DE 65 ANOS E MAIS NA POPULAÇÃO TOTAL		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Solteiro	33,6	26,5	29,9	3,5	7,3	5,6	0,8	2,5	1,6
Casado	60,1	55,7	57,8	76,4	34,7	53,1	9,8	5,6	7,7
Desq/Divorc/Sep	4,5	8,6	6,6	5,2	5,9	5,6	8,9	6,2	7,1
Viúvo	1,8	9,2	5,6	14,9	52,1	35,7	64,4	51,5	53,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	7,7	9,1	8,4

Fonte: IBGE. PNAD (1995).

Nota: (*) Refere-se a população de 15 anos ou mais.

Os diferenciais por sexo quanto ao status marital são devidos, de um lado, à maior longevidade das mulheres, como já foi assinalado anteriormente. Por outro lado, normas sociais e culturais prevaletentes em nossa sociedade levam os homens a se casarem com mulheres mais jovens do que eles. De fato, dados censitários de 1980 indicam que, em apenas 9% dos casais, as mulheres eram mais velhas do que seus maridos (BERQUÓ, 1986). Além disso, o recasamento para viúvos idosos é maior do que para viúvas em idades avançadas. Em conjunto, estas diferenças são responsáveis pela superioridade de viúvas, em relação aos viúvos, da ordem de 3,6 para 1.

Passando-se aos descasados, verifica-se também um certo predomínio de mulheres, fruto do mesmo processo que associa, em geral, e às idosas em especial, menores oportunidades de um recasamento, em casos de separações. Finalmente, 7,3% das mulheres chegaram solteiras à terceira idade.

Em conjunto, estes dados estão a indicar que são bem maiores para as mulheres do que para os homens, as chances de que elas enfrentarão o declínio da capacidade física e mental sem apoio de um marido, no caso das viúvas e descasadas, e de filhos no caso das solteiras, ou sem filhos sobreviventes.

A ocupação dos idosos

Dentre a população com mais de 65 anos de idade, cerca de 1,5 milhão declarou, no censo demográfico de 1991 ter trabalhado no ano anterior ao levantamento, ou seja, 15,0% da população idosa nacional (Tabela 27).

Nas regiões de fronteira agrícola (Norte e Centro-Oeste) encontravam-se as maiores proporções de idosos ocupados, destacando-se os migrantes não-naturais que justamente foram para essas áreas à procura de trabalho. Em contrapartida, nas regiões mais dinâmicas do país (Sul e Sudeste), verifica-se menores inserções de idosos trabalhando, podendo-se supor, de um lado, que as relações trabalhistas capitalistas avançadas e os benefícios sociais nessas áreas contribuíram para que parte desses idosos estejam aposentados; ao mesmo tempo, deve-se lembrar que, esse regime capitalista mais desenvolvido também exclui a população envelhecida do mercado de trabalho formal.

TABELA 28 – Proporção da população idosa (65 anos e mais) que trabalhou segundo condição migratória Grandes Regiões – Brasil, 1991

GRANDES REGIÕES	POPULAÇÃO DE IDOSOS QUE TRABALHOU (*)			
	TOTAL	MIGRANTE		NÃO-MIGRANTE
		NÃO-NATURAL	RETORNO	
Norte	22,7	25,2	15,9	22,3
Nordeste	19,3	16,5	19,5	19,6
Sudeste	13,2	12,2	12,9	13,3
Sul	14,4	11,7	13,3	14,7
Centro-Oeste	19,2	19,9	17,8	19,0
Brasil	15,9	14,7	15,9	16,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

Nota: (*) Refere-se aos últimos 12 meses antes do recenseamento censitário.

De fato, a estrutura ocupacional da população idosa migrante, principalmente os migrantes não-naturais, difere consideravelmente da não-migrante, particularmente na Região Sudeste. Nesta área, cerca de 91,0% da

população idosa migrante estava inserida no grupo “outras ocupações, mal definidas ou não declaradas” (Anexo 2), refletindo um mercado de trabalho dinâmico e moderno voltado essencialmente para a absorção de mão-de-obra migrante jovem.

Nas demais regiões brasileiras, a população idosa, tanto migrante quanto não-migrante, inserida na categoria “outras ocupações” representa, em média, 3,0% das respectivas populações.

Analisando a estrutura ocupacional da população idosa segundo as regiões, verifica-se que mais da metade da população idosa, independente da condição migratória, estava inserida, à exceção do Sudeste, na agropecuária e produção vegetal. Nas regiões Norte e Nordeste, onde ainda predomina uma forte estrutura agrária, os idosos migrantes não-naturais e não-migrantes encontravam-se trabalhando, em sua maioria, no meio rural; já dentre os idosos migrantes de retorno, esta participação baixa para 37,0%, aumentando expressivamente a participação de idosos na indústria de transformação, comércio e prestação de serviços. De fato, volume considerável de migrantes se dirigiu mesmo ao Norte para trabalharem na fronteira agrícola, nos anos 70 ou em períodos recentes, sendo que aqueles que retornaram provavelmente tenham maior nível de escolaridade e experiências profissionais no urbano, principalmente em direção à Manaus.

Na Região Nordeste mais de 60,0% de seus idosos que trabalharam entre 90-91 o fizeram no meio rural, inclusive os migrantes idosos de retorno.

Para o Sudeste destaca-se que a estrutura ocupacional dos idosos de retorno e dos não-migrantes difere dos migrantes idosos não-naturais. Dentre os migrantes idosos de retorno cerca de 39,1% estavam na agropecuária e produção vegetal; ressalte-se para esse contingente que 8,1% estava no grupo técnicos e científicos, enquanto que entre os não-migrantes essa participação era de 7,6% e entre os não naturais de 0,6%, demonstrando o retorno de idosos com mão-de-obra qualificada para o Sudeste.

Na Região Sul, a população idosa ocupada também esteve mais concentrada em atividades agropecuárias e produção vegetal (em torno de 42,0%), destacando-se para os migrantes idosos não-naturais participação mais elevada no setor de prestação de serviços (13,1%) que para os migrantes de retorno (10,1%) e não-naturais (7,7%).

Para a Região Centro-Oeste encontrava-se também mais de 40,0% da população idosa inserindo na produção agropecuária, destacando-se a participação de idosos de retorno no comércio e atividades auxiliares.

Torna-se importante destacar que, de modo geral, a estrutura de ocupação da população idosa difere-se daquela da população total; a população idosa ocupada estava mais concentrada no setor agropecuário, mesmo estando residindo nas cidades, como apontado anteriormente.

Em 1991, cerca de 65,0% da população idosa brasileira, não contribuía para a previdência social. Esta proporção torna-se ainda mais elevada quando se considera os casos das regiões Norte e Nordeste onde chega-se a mais de 80,0%, principalmente dentre os idosos migrantes. Na Região Sudeste, a proporção daqueles idosos que não contribuem para a previdência é bem menor que nas demais regiões, mas, mesmo assim, a metade deste contingente populacional não contribuía com o sistema previdenciário em 1991.

O ENVELHECIMENTO E A FAMÍLIA

A situação familiar das pessoas nesta fase da vida reflete o efeito acumulado de eventos sócio-econômico-demográficos e de saúde, ocorridos em etapas anteriores do ciclo vital. O tamanho da prole, a mortalidade diferencial, o celibato, a viuvez, as separações, os recasamentos e as migrações, vão conformando, ao longo do tempo, distintos tipos de arranjos familiares e domésticos, os quais com o passar da idade adquirem características específicas, que podem colocar o idoso, do ponto de vista emocional e material, em situação de segurança ou de vulnerabilidade.

Neste sentido, é de extrema importância conhecer em que estrutura familiar ou doméstica estão inseridos os idosos, isto é, as pessoas com 65 anos e mais de idade.

Dado o fato de que as relações de gênero marcam de forma distinta a trajetória de vida, homens e mulheres serão estudados separada e paralelamente.

A Tabela 29 permite uma aproximação à estrutura familiar na qual homens e mulheres são encontrados nesta fase do envelhecimento. Três cortes temporais possibilitam apreciar como vem evoluindo esta inserção ao longo de quase vinte anos.

Desde logo um fato chama muito a atenção. A maior parte dos homens de 65 anos e mais, isto é, 75%, encontram-se chefiando uma família com esposa, com ou sem filhos.

Por outro lado, há mais mulheres chefiando sozinhas uma família com filhos, ou morando na casa dos filhos, ou com outros parentes, ou morando sozinhas, o que corresponde a 67%.

A viuvez ou a separação podem levar as mulheres à chefia de famílias monoparentais, ou a viverem na casa dos filhos.

Morar sozinha ou morar com parentes pode ser o resultado destes mesmos desenlaces ou ao celibato, à não existência de prole, ao falecimento dos filhos, ou ainda à decisão de não viver com os filhos, caso os tenha tido, ou com ninguém, caso tenha recursos para tanto.

Estes dados levam a supor ainda que para o homem a idade parece não se constituir em obstáculo a um recasamento, em caso de viuvez ou divórcio. Os homens parecem preferir reconstruir sua própria família via novas uniões. Não sendo este o caso, acomodam-se melhor morando com os filhos ou com outros parentes do que vivendo sozinhos, revelando maior grau de dependência.

**TABELA 29 – Arranjos familiares e domésticos da população de 65 anos e mais, por sexo
Brasil 1970-1995**

SITUAÇÃO NO ARRANJO DOMÉSTICO		1970		1980		1995	
		HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
Chefes ou Cônjuges de sua Própria Família	Casal com ou sem Filhos	73,0	29,1	75,0	31,7	75,7	33,0
	Monoparental	5,9	13,3	5,7	15,3	6,6	18,2
	Sub-total	78,9	42,4	80,7	47,0	82,3	51,2
Morando como parente de filhos(as) casados(as), separados(as) ou viúvos(as)		9,9	32,2	7,0	25,0	6,9	23,6
Morando sozinho		5,9	9,4	7,2	13,0	8,6	17,4
Outros Arranjos		3,1	11,1	3,8	7,9	2,3	7,9
TOTAL		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1970, 1980 e PNAD 1995.

A observação da evolução destes indicadores, no período 1970-1995, revela um aumento na proporção de pessoas idosas integrando sua própria família nuclear. No caso dos homens, esta proporção passou de 78,9% em 1970 para 82,3% em 1995. Para as mulheres, o aumento foi de 42,4% para 51,2% no mesmo período. Declinou, entretanto, a possibilidade de morar com os filhos ou com outros parentes, o que explica, em parte, o aumento da proporção dos que moram sozinhos.

As fontes de dados aqui analisadas não permitem estimar o volume de idosos vivendo em asilos ou casas de repouso.

As condições materiais de existência, a solidariedade entre familiares, gerações e pessoas, as opções por independência ou por acomodação, a necessidade de aceitar o que não tinha outro remédio, ajudaram certamente a dar forma a este perfil do envelhecimento e a família no Brasil.

RESUMINDO

A questão do idoso no país deve merecer cada vez mais o interesse dos órgãos públicos, dos formuladores de políticas sociais e da sociedade em geral, dado o volume crescente deste segmento populacional, seu ritmo de crescimento e de suas características demográficas, econômicas e sociais.

Se, por um lado, a longevidade dos indivíduos decorre do sucesso de conquistas no campo social e de saúde, o envelhecimento, como um processo, representa novas demandas por serviços, benefícios e atenções que se constituem em desafios para governos, sociedade e familiares do presente e do futuro.

A virada do século deverá encontrar o Brasil com 8,5 milhões de pessoas com 65 anos e mais, sobreviventes de coortes nascidas até 1935. Isto quer dizer que 1 de cada 20 residentes no país será idoso. Vinte anos mais tarde esta relação será de 1 para 12.

A população idosa terá 82% de seu contingente vivendo em cidades. A mortalidade diferencial no campo e nas cidades, e as migrações que ocorreram no país nas últimas décadas, configuraram uma concentração de idosos nas áreas urbanas, principalmente de mulheres, decorrente da sobremortalidade masculina. Este fato requer atenção para que as cidades se aparelhem para poder oferecer recursos de variadas ordens demandados pelos idosos.

Mais da metade dos idosos, 60%, será de brancos. No entanto, nas regiões Norte e Nordeste esta proporção se inverte. Nesse sentido, é preciso evitar que a discriminação racial continue presente na sociedade, inclusive atingindo os idosos; esta é uma questão que deve fazer parte da agenda social deste final de século.

O analfabetismo extremamente elevado entre os idosos, herdado do passado, e maior para as mulheres, os colocam em situação de grande vulnerabilidade.

Os idosos migrantes, principalmente os de retorno, tenderão a engrossar os fluxos migratórios no país, porém em situação socioeconômica desfavorável em comparação aos jovens.

A maior participação relativa do contingente idoso vem atingindo todas as localidades, merecendo também atenção especial dos municípios pequenos.

O superávit de mulheres idosas continuará prevalecendo e será tanto maior quanto mais avançada a idade, requerendo atenção específica. Serão elas, na grande maioria, viúvas, morando na casa dos filhos ou filhas, ou chefiando famílias monoparentais, ou ainda morando sozinhas.

A maior parte dos idosos viverá ao lado da esposa, o que lhe conferirá possibilidade de maior apoio emocional, tão necessário nesta fase da vida.

Sendo as chefias idosas, familiares ou domiciliares, as mais pobres, principalmente as exercidas por mulheres, não cabe dúvida de que a feminização do envelhecimento precisa ser considerada na atenção que os idosos venham a merecer.

O cenário que aguarda os que entrarão em idades avançadas no próximo século deverá contar com políticas sociais que deem ao idoso condições para desfrutar de uma vida com dignidade. Mas acima de tudo este cenário deverá estar marcado por um horizonte de solidariedade: entre familiares, entre gerações, entre amigos e entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABEP. **Futuro da população brasileira**: projeções, previsões e técnicas. São Paulo, SP: ABEP; HUCITEC, 1987.
- BAENINGER, R. Juventude e movimentos migratórios no Brasil. In: CNPD. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília, DF, 1998.
- _____. **Movimentos migratórios no Brasil nos anos 80**: considerações preliminares. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 1997. (Mimeo).
- BERCOVICH, A. M. Características regionais da população idosa no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, SP, v. 10, n. 1/2, p. 125-143, 1993.
- BERQUÓ, E. **Considerações demográficas sobre a população idosa no Brasil**. Brasília, DF: CNPD, 1996.
- BERQUÓ, E.; BAENINGER, R.; FONSECHI, G. Situação demográfica brasileira. **Dados Demográficos 2**, Campinas, SP, 1996.
- _____; LEITE, V. M. Some demographic considerations on the aging population in Brazil. In: THE INTERNATIONAL SEMINAR ON MORBIDITY, MORTALITY AND SOCIAL POLICY, 1989, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR, 1989.
- _____. Pirâmide da solidão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 5., 1986, Águas de São Pedro, SP. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ABEP, 1986.
- _____. Algumas considerações sobre a demografia da população idosa. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, SP, v. 40, n. 7, 1988.
- CAMARANO, A. A. et al. **Século XXI**: a quantas andar a população brasileira. Brasília, DF: IPLAN, 1989. (Texto para Discussão, n. 5).
- CAMPINAS. Prefeitura Municipal de Campinas. **Sumário de dados: população**. Campinas, SP, 1993.
- CLARK, R. C.; ANKER, R. Labour force participation rates of older person: an international comparison. **International Labour Review**, Geneva, v. 129, n. 2, 1989.
- MACHADO, C. C. **Projeções multirregionais de população**: o caso brasileiro (1980-2020). 1993. Tese (Doutorado) – CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1993.
- MARTINE, G.; CARVALHO, J. A. M. Cenários demográficos para o século 21 e algumas implicações sociais. In: SEMINÁRIO BRASIL SÉCULO XXI, 1989, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP: UNICAMP, 1989.
- _____; CAMARGO, L. Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, SP, v. 1, n. 1/2, p. 99-143, 1984.
- MERRICK, T.; BERQUÓ, E. **The determinants of Brazil's recent rapid decline in fertility**. Washington, DC: National Academy Press, 1983.
- PACHECO, C. A. et al. **Projeto tendências da urbanização e do crescimento populacional brasileiro**: população em idade escolar: 1991-2000. Campinas, SP: IE/UNICAMP; MEC/FNDE/FECAMP, 1997. (Relatório Síntese).

PATARRA, N. L. et al. **Questão social:** políticas sociais no Brasil: avaliação e propostas para os anos 90. São Paulo, SP: FUNDAP, 1991. (Documentos de Trabalho).

SALIM, C. **Estrutura agrária e dinâmica migratória na região Centro-Oeste, 1970-1980:** análise do êxodo rural e da mobilidade da força de trabalho no contexto da industrialização da agricultura e da fronteira urbanizada. 1992. Tese (Doutorado) – CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1

População idosa segundo sexo e condição migratória – Grandes Regiões, Brasil – 1981/1991

Condições Migratória	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Brasil	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
População Migrante (1)												
60 a 64	16.501	12.218	47.228	49.337	83.343	89.142	33.302	35.615	20.824	17.282	201.198	203.594
65 e mais	20.286	42.343	93.759	105.729	132.737	164.416	54.583	67.033	30.531	26.580	331.896	406.101
Outras Idades	1.111.103	1.029.898	2.972.594	3.293.558	5.145.626	5.247.610	2.093.985	2.164.518	1.326.955	1.325.421	12.650.263	13.061.005
Total	1.147.890	1.084.459	3.113.581	3.448.624	5.361.706	5.501.168	2.181.870	2.267.166	1.378.310	1.369.283	13.183.357	13.670.700
Migrante de Retorno (2)												
60 a 64	458	497	6.951	7.078	7.357	8.019	2.644	3.173	508	555	17.918	19.322
65 e mais	1.084	1.025	12.931	12.625	10.860	12.692	4.013	5.063	772	747	29.660	32.152
Outras Idades	58.036	62.947	464.487	477.575	495.464	520.139	237.740	247.437	77.608	82.089	1.333.335	1.390.187
Total	59.578	64.469	484.369	497.278	513.681	540.850	244.397	255.673	78.888	83.391	1.380.913	1.441.661
Migrante Não-Natural (3)												
60 a 64	16.043	11.721	40.277	42.259	75.986	81.123	30.658	32.442	20.316	16.727	183.280	184.272
65 e mais	19.202	41.318	80.828	93.104	121.877	151.724	50.570	61.970	29.759	25.833	302.236	373.949
Outras Idades	1.053.067	966.951	2.508.107	2.815.983	4.650.162	4.727.471	1.856.245	1.917.081	1.249.347	1.243.332	11.316.928	11.670.818
Total	1.088.312	1.019.990	2.629.212	2.951.346	4.848.025	4.960.318	1.937.473	2.011.493	1.299.422	1.285.892	11.802.444	12.229.039
Não Migrante (4)												
60 a 64	68.112	65.260	389.151	454.066	728.456	855.958	249.957	278.536	71.597	70.614	1.507.273	1.724.434
65 e mais	125.526	128.981	906.251	1.027.480	1.263.481	1.649.943	434.305	538.984	121.329	124.534	2.850.892	3.469.922
Outras Idades	3.752.276	3.654.845	16.372.540	16.782.415	23.538.963	23.840.498	8.113.386	8.064.918	3.159.468	3.129.909	54.936.633	55.472.585
Total	3.945.914	3.849.086	17.667.942	18.263.961	25.530.900	26.346.399	8.797.648	8.882.438	3.352.394	3.325.057	59.294.798	60.666.941
Nunca Migrou												
60 a 64	36.761	36.306	221.686	255.628	287.077	338.706	101.222	114.017	17.451	18.323	664.197	762.980
65 e mais	67.108	72.861	522.261	587.352	474.232	640.835	175.509	224.251	30.772	32.181	1.269.882	1.557.480
Outras Idades	3.120.769	3.038.353	13.959.797	13.983.295	17.369.703	17.204.998	6.007.638	5.814.662	2.105.782	2.041.818	42.563.689	42.083.126
Total	3.224.638	3.147.520	14.703.744	14.826.275	18.131.012	18.184.539	6.284.369	6.152.930	2.154.005	2.092.322	44.497.768	44.403.586
Mora há mais de 10 anos												
60 a 64	31.351	28.954	167.465	198.438	441.379	517.252	148.735	164.519	54.146	52.291	843.076	961.454
65 e mais	58.418	56.120	383.990	440.128	789.249	1.009.108	258.796	314.733	90.557	92.353	1.581.010	1.912.442
Outras Idades	631.507	616.492	2.412.743	2.799.120	6.169.260	6.635.500	2.105.748	2.250.256	1.053.686	1.088.091	12.372.944	13.389.459
Total	721.276	701.566	2.964.198	3.437.686	7.399.888	8.161.860	2.513.279	2.729.508	1.198.389	1.232.735	14.797.030	16.263.355
População Total (5)												
60 a 64	84.613	77.478	436.379	503.403	811.799	945.100	283.259	314.151	92.421	87.896	1.708.471	1.928.028

65 e mais	145.812	171.324	1.000.010	1.133.209	1.396.218	1.814.359	488.888	606.017	151.860	151.114	3.182.788	3.876.023
Outras Idades	4.863.379	4.684.743	19.345.134	20.075.973	28.684.589	29.088.108	10.207.371	10.229.436	4.486.423	4.455.330	67.586.896	68.533.590
Total	5.093.804	4.933.545	20.781.523	21.712.585	30.892.606	31.847.567	10.979.518	11.149.604	4.730.704	4.694.340	72.478.155	74.337.641

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 1991; Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

Notas: (1) População residente há menos de dez anos no município de residência atual (refere-se à soma de migrante de retorno e migrante não-natural).

(2) População natural do município de residência atual, que migrou e voltou ao município entre 1981-1991.

(3) População que não nasceu no município atual e reside há menos de dez anos neste local.

(4) População que nunca migrou do município de residência atual ou que mesmo sendo não-natural mora há mais de dez anos.

(5) População migrante mais população não migrante.

ANEXO 2

Distribuição da população idosa ocupada segundo grupo de ocupação e condição migratória

Grandes Regiões – Brasil,

1991

Grupos De Ocupação	Regiões											
	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Brasil	
	Total	65 anos e mais	Total	65 anos e mais	Total	65 anos e mais	Total	65 anos e mais	Total	65 anos e mais	Total	65 anos e mais
Migrantes	901.204	10.731	2.534.293	33.718	4.527.361	408.454	2.106.536	15.365	1.229.547	11.359	11.298.941	479.627
Administrativos	88.255	691	257.397	2.022	685.935	3.710	276.316	1.466	169.079	1.238	1.476.982	9.127
Técnicos, Científicos, etc.	60.621	225	186.281	879	393.273	2.573	171.455	1.017	87.811	461	899.441	5.155
Agropecuária e Prod. Vegetal	261.858	5.833	618.892	20.236	516.294	9.870	367.472	6.600	226.326	5.043	1.990.842	47.582
Produção Extrativa Mineral	43.905	211	11.402	43	11.630	55	5.298	0	31.125	173	103.360	482
Indústrias de transf. e Const. Civil	145.861	1.073	460.846	3.361	1.242.127	6.249	513.971	1.951	226.523	1.426	2.589.328	14.060
Comércio e Ativ. Auxiliares	95.856	1.140	307.667	3.370	507.164	3.363	197.513	1.233	129.844	1.093	1.238.044	10.199
Transporte e Comunicação	37.009	157	103.740	365	211.536	879	89.696	269	54.913	187	496.894	1.857
Prestação de Serviços	107.249	930	430.801	2.380	865.268	7.444	299.711	1.975	216.757	1.215	1.919.786	13.944
Defesa Nacional e Seg. Pública	21.673	91	50.435	198	92.183	438	44.279	155	32.738	154	241.308	1.036
Outras Ocup., mal def. ou não decl.	38.917	380	106.832	864	1.951	373.873	140.825	699	54.431	369	342.956	376.185
Não-Natural	855.035	10.396	2.116.061	28.726	4.166.406	405.426	1.867.984	14.153	1.167.070	11.088	10.172.556	469.789
Administrativos	82.260	691	216.144	1.624	603.131	3.326	241.482	1.365	159.124	1.199	1.302.141	8.205
Técnicos, Científicos, etc.	55.050	213	149.889	775	333.243	2.328	147.715	925	81.787	461	767.684	4.702
Agropecuária e Prod. Vegetal	253.716	5.709	496.266	17.069	444.098	8.685	315.582	6.012	215.672	4.911	1.725.334	42.386
Produção Extrativa Mineral	43.254	189	9.368	43	10.217	46	4.493	0	30.698	173	98.030	451
Indústrias de transf. e Const. Civil	137.804	1.013	385.009	2.877	1.150.086	5.826	466.516	1.826	216.120	1.389	2.355.535	12.931
Comércio e Ativ. Auxiliares	89.822	1.089	256.753	2.885	455.262	3.150	174.720	1.117	122.461	1.048	1.099.018	9.289
Transporte e Comunicação	34.865	150	86.851	298	211.470	813	79.546	243	52.281	187	465.013	1.691
Prestação de Serviços	100.982	878	380.855	2.207	864.838	7.014	270.155	1.852	206.123	1.205	1.822.953	13.156
Defesa Nacional e Seg. Pública	20.328	91	43.577	186	92.183	438	39.297	144	31.307	154	226.692	1.013
Outras Ocup., mal def. ou não decl.	36.954	373	91.349	762	1.878	373.800	128.478	669	51.497	361	310.156	375.965
Migrante de Retorno	46.169	335	418.232	4.992	360.955	3.028	238.552	1.212	62.477	271	1.126.385	9.838
Administrativos	5.995	0	41.253	398	82.804	384	34.834	101	9.955	39	174.841	922
Técnicos, Científicos, etc.	5.571	12	36.392	104	60.030	245	23.740	92	6.024	0	131.757	453
Agropecuária e Prod. Vegetal	8.142	124	122.626	3.167	72.196	1.185	51.890	588	10.654	132	265.508	5.196
Produção Extrativa Mineral	651	22	2.034	0	1.413	9	805	0	427	0	5.330	31
Indústrias de transf. e Const. Civil	8.057	60	75.837	484	92.041	423	47.455	125	10.403	37	233.793	1.129
Comércio e Ativ. Auxiliares	6.034	51	50.914	485	51.902	213	22.793	116	7.383	45	139.026	910

Transporte e Comunicação	2.144	7	16.889	67	66	66	10.150	26	2.632	0	31.881	166
Prestação de Serviços	6.267	52	49.946	173	430	430	29.556	123	10.634	10	96.833	788
Defesa Nacional e Seg. Pública	1.345	0	6.858	12	0	0	4.982	11	1.431	0	14.616	23
Outras Ocup., mal def. ou não decl.	1.963	7	15.483	102	73	73	12.347	30	2.934	8	32.800	220
Não Migrantes	2.246.209	56.828	11.269.665	378.143	20.228.225	386.386	7.267.838	159.697	2.484.859	46.660	43.496.796	1.027.714
Administrativos	229.692	4.337	1.004.847	27.592	3.583.311	65.646	1.000.091	17.273	409.932	7.117	6.227.873	121.965
Técnicos, Científicos, etc.	160.602	1.552	836.613	8.525	1.905.718	29.321	533.467	5.586	218.592	1.764	3.654.992	46.748
Agropecuária e Prod. Vegetal	779.391	30.349	4.446.367	245.033	2.364.649	93.527	2.000.934	74.923	461.096	17.862	10.052.437	461.694
Produção Extrativa Mineral	39.629	479	42.645	653	49.331	741	17.007	17.007	28.434	729	177.046	19.609
Indústrias de transf. e Const. Civil	339.053	5.896	1.738.781	30.820	4.591.171	63.284	1.470.406	15.681	436.636	5.814	8.576.047	121.495
Comércio e Ativ. Auxiliares	227.014	6.028	1.075.722	31.969	2.098.074	39.418	626.921	8.996	264.611	4.656	4.292.342	91.067
Transporte e Comunicação	93.490	835	376.863	4.105	1.044.513	13.843	329.259	2.978	120.565	1.229	1.964.690	22.990
Prestação de Serviços	237.386	4.979	1.170.281	19.578	2.885.340	60.928	803.837	12.296	372.436	5.039	5.469.280	102.820
Defesa Nacional e Seg. Pública	42.841	753	145.075	1.597	358.644	2.717	91.518	808	60.219	716	698.297	6.591
Outras Ocup., mal def. ou não decl.	97.111	1.620	432.471	8.271	1.347.474	16.961	394.398	4.149	112.338	1.734	2.383.792	32.735

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais - NEPO/UNICAMP, 1997.

AGRADECIMENTO

Este trabalho contou com a importante colaboração de Gislaine Fonsechi Carvasan no processamento dos dados e diagramação do texto.